

PLANO
MESTRE DE
EVANGELISMO

ROBERT COLEMAN



Plano Mestre de Evangelismo

Robert E. Coleman

Digitado por Andreza
Enviado por Silvio



www.semeadoresdapalavra.net

Nossos e-books são disponibilizados gratuitamente, com a única finalidade de oferecer leitura edificante a todos aqueles que não tem condições econômicas para comprar.

Se você é financeiramente privilegiado, então utilize nosso acervo apenas para avaliação, e, se gostar, abençoe autores, editoras e livrarias, adquirindo os livros.

Semeadores da Palavra e-books evangélicos

Categoria: Teologia / Missões

Copyright © 1963, 1964 por Robert E. Coleman

Publicado por Fleming H. Revell Company, Old Tappan, New Jersey, EUA

Título original: The master plan of evangelism

Capa: Magno Paganelli

ISBN 85-7325-414-9

1. Evangelização 2. Jesus Cristo - Métodos de evangelização I. Título.

Os textos das referências bíblicas foram extraídos da *Nova Versão Internacional* (Sociedade Bíblica Internacional), salvo indicação específica.

Publicado no Brasil com a devida autorização e com todos os direitos reservados por

Associação Religiosa Editora Mundo Cristão

A 2ª edição foi publicada em janeiro de 2006, com tiragem de 2000 exemplares.

Impresso no Brasil

SUMÁRIO

Introdução	5
Prefácio	7
1. Recrutamento	16
2. Associação	33
3. Consagração	44
4. Transmissão.....	53
5. Demonstração	60
6. Delegação.....	67
7. Supervisão	77
8. Reprodução	84
Conclusão	94

INTRODUÇÃO

Paul Stromberg Rees

NA “CRÍTICA DAS TESES de Feuerbach” de A ideologia alemã (Hucitec), Karl Marx escreveu: “Os filósofos só conseguiram interpretar o mundo de modo diferente; a questão, porém, é transformá-lo”.

Embora sejam diversos quanto a suas afirmações fundamentais, o Evangelho cristão e o comunismo concordam neste ponto. Mas a afinidade não vai muito além. A Igreja se distingue por proclamar a transformação do mundo a partir da mudança operada na vida dos seres humanos. A reflexão permite que as pessoas produzam novas filosofias, mas só os regenerados em Cristo possuem a chave para a construção de uma sociedade efetivamente renovada.

Esta convicção, fundamentada na afirmação bíblica de que “Deus em Cristo estava reconciliando consigo o mundo” (2Co 5:19), faz do evangelismo muito mais do que uma teoria ou um lema. Ela coloca o assunto em foco e o evidencia como uma necessidade. Neste ponto, entretanto, surge uma questão: como fazer do evangelismo — o processo de ampliação do círculo da fé que inclui cada vez mais pessoas transformadas pela confiança no fato de que Jesus é o Salvador — uma prática permanente, envolvente e atraente?

Sob o título Plano mestre de evangelismo, Robert E. Coleman, professor de evangelismo do Seminário Teológico de Asbury, apresenta uma série de princípios e elabora um esquema cujo estudo cuidadoso permite resgatar o conceito original de evangelismo: uma atividade essencial e contínua, baseada no testemunho da congregação dos fiéis, e que não pode ser classificada como especial ou ocasional.

Não há nada nas próximas páginas que minimize a obra realizada pelo Espírito Santo através do esforço colossal, conjunto e pontual de grandes especialistas em evangelismo, tais como Dwight L. Moody, Billy Sunday ou Billy Graham. Por

outro lado, o conteúdo deste livro faz dele um guia eficaz na formação de novos discípulos através de pequenos grupos. Além disso, o Plano mestre de evangelismo estimula o testemunho da igreja local diante da sociedade que a cerca, tudo isso com o objetivo de demonstrar a relação entre o Evangelho que somos incumbidos de proclamar e a vida que este mesmo Evangelho nos capacita a viver.

O trabalho de Robert Coleman, concentrado ao máximo no modelo demonstrado pelo Senhor Jesus e seus discípulos, é pródigo em fundamentação bíblica. O estilo do autor dispensa ornamentos ou rodeios. É objetivo, direto. Ele reflete a sinceridade e a transparência de alguém que se concentrou por muito tempo no estudo do tema que se propõe a abordar.

Justamente na manhã que elaborei este texto, ouvi um locutor de rádio afirmar que, na maioria das situações que as pessoas confrontam, elas fazem um entre dois movimentos possíveis: partem das palavras para as ações ou das ações para as palavras. É a mesma coisa que dizer: quando deixamos de tomar a iniciativa de transformar a teoria e os ideais em práxis, as ações concretas e palpáveis se perdem no meio de um palavreado inócuo. Creio que esta obra tão importante pode nos livrar deste perigo. Recomendá-la, portanto, é um grande prazer para mim.

PREFÁCIO

O MESTRE E SEU PLANO

Eu sou o caminho

João 14:6

O PROBLEMA DOS MÉTODOS EVANGELÍSTICOS

Objetividade e relevância: estas são as questões cruciais em nosso trabalho. Estão diretamente relacionadas, e o grau de compatibilidade entre elas servirá como base para determinar a importância e o sentido daquilo que fazemos. O fato de estarmos envolvidos em várias atividades ou sermos muito qualificados não significa necessariamente que podemos considerar o objetivo alcançado. Há duas perguntas que sempre devemos fazer a nós mesmos: está valendo a pena? É assim mesmo que se faz?

É preciso voltar continuamente a essas questões quando se trata da atividade evangelística da igreja local. Até que ponto nossos esforços para manter as coisas funcionando bem estão contribuindo de fato para o cumprimento da Grande Comissão de Cristo? Há alguma iniciativa em expansão que reúna homens comprometidos com o Reino, alcançando o mundo com o Evangelho, e que seja fruto de nosso ministério? Não há como negar o fato de que estamos envolvidos em muito trabalho na igreja. Tentamos transformar vários projetos evangelísticos em programas práticos, um após o outro — mas será que estamos atingindo nossos objetivos?

PRIMEIRO A FUNÇÃO, DEPOIS O FORMATO

A esta altura da discussão, nossas preocupações se concentram na necessidade de elaborar uma estratégia inteligente de ações contínuas que contemplem o objetivo mais amplo do trabalho de evangelização. É preciso que saibamos de que modo um determinado curso de ação se encaixa no plano geral de Deus para nossa vida. Só este senso de missão pode mobilizar nossas almas, e isto vale para qualquer método ou técnica empregado na propagação do Evangelho do Reino. Assim como um prédio é construído de acordo com o uso planejado para ele, tudo que fazemos também deve ter um propósito. Caso contrário, nossas ações podem se perder em meio a confusão e falta de finalidade.

UM ESTUDO SOBRE PRINCÍPIOS

É isso que justifica o estudo proposto neste livro. Trata-se de um esforço para identificar os mesmos princípios que determinavam as ações do Mestre, na esperança de que nosso trabalho siga o mesmo padrão de excelência e eficácia. Assim sendo, você não verá neste livro uma tentativa de interpretação dos métodos de Jesus, tanto no que se refere à evangelização pessoal quanto à pregação do Evangelho para grandes públicos. 1 Na verdade, este é um estudo dos princípios implícitos no ministério do Filho de

Deus, e que determinaram os métodos que ele utilizou. Plano mestre de evangelismo pode ser considerado, portanto, um estudo sobre a estratégia evangelística de Cristo e como ela orientou sua vida enquanto ele viveu na Terra.

A NECESSIDADE DE PESQUISAS MAIS PROFUNDAS

É surpreendente constatar que pouca coisa tem sido publicada sobre este aspecto da questão, embora muitos livros que falam de métodos evangelísticos a mencionem. O mesmo se pode dizer dos estudos sobre os métodos de ensino de Jesus,² assim como textos em geral que focalizam a vida e a obra de Cristo.³ Provavelmente, os mais cuidadosos estudos já

produzidos até hoje sobre o plano evangelístico geral do Mestre sejam aqueles que se referem ao treinamento dos discípulos, entre os quais se destaca *O treinamento dos Doze*, de Alexander B. Bruce.⁴ Publicada pela primeira vez em 1871 e revisada em 1899, esta narrativa sobre o crescimento dos discípulos na presença do Mestre ainda é a mais rica em revelações a respeito do tema.

Outra obra, *Pastor pastorum*, de Henry Latham, escrita em 1890, dedica uma atenção particular ao modo segundo o qual Jesus treinava as pessoas, ainda que a análise seja menos abrangente.⁵ Desde o tempo desses estudos pioneiros surgiram vários outros livros mais simples, que ajudam e estimulam a discussão sobre o assunto.⁶ Nem todas essas obras compartilham o mesmo ponto de vista teológico evangélico, mas é interessante notar como praticamente concordam na avaliação que fazem a respeito do principal fator de motivação na obra de Jesus entre os discípulos.

Isso também acontece com muitas obras práticas sobre as várias fases da vida e do ministério da Igreja publicadas de uns tempos para cá, principalmente os livros voltados para o movimento cada vez maior de grupos pequenos e testemunhos leigos nas comunidades locais. Ainda que saibamos que esses autores não escreveram a partir do ponto de vista de uma estratégia evangelística, devemos reconhecer que contribuíram de forma significativa na identificação dos princípios fundamentais presentes no ministério e na missão de nosso Senhor.

Entretanto, a essência da estratégia básica de Jesus raramente recebe a devida atenção. Ainda que sejamos agradecidos pelo trabalho daqueles que analisaram este assunto e valorizemos suas descobertas, ainda sentimos a necessidade de mais investigações e esclarecimentos, e isto é especialmente verdadeiro no estudo das próprias fontes que as originaram.

NOSSO PLANO DE ESTUDO

É importante consultar o Novo Testamento — e os evangelhos, em particular — para discernir de fato o plano de

Jesus. Eles são, em última análise, os únicos relatos que temos de testemunhas oculares do Mestre em ação (Lc 1:2,3; Jo 20:30; 21:24; 1Jo 1:1).

Para ser mais específico, os evangelhos foram escritos principalmente para nos mostrar que Cristo é o Filho de Deus e que, pela fé, temos vida em seu nome (Jo 20:31). Mas nem sempre percebemos que a revelação da vida em Cristo inclui sua maneira de viver, a mesma que ele nos orientou a seguir. Devemos lembrar que as testemunhas responsáveis pela redação dos livros não apenas viram a verdade — foram transformadas por ela.

Por esta razão, ao contar a história da vida de Jesus, aquelas pessoas faziam questão de destacar os aspectos que mais as influenciaram (e a outras pessoas) na decisão de deixar tudo que tinham para seguir o Mestre.

É claro que nem tudo foi registrado. Como acontece em outras narrativas históricas, os autores dos evangelhos desenham um painel geral baseado em alguns personagens e acontecimentos, destacando determinados pontos importantes no desenvolvimento da trama. Mas podemos ter certeza de que a intenção dos escritores é a de nos ensinar como seguir o exemplo de Cristo a partir desses eventos cuidadosamente selecionados e registrados em absoluta integridade, sob a inspiração do Espírito Santo. É por isso que os relatos sobre Jesus nas Escrituras Sagradas constituem nosso melhor, único e inequívoco manual de evangelismo.

Assim sendo, este plano de estudo foi elaborado com o objetivo de traçar os passos de Cristo segundo a narrativa dos evangelhos, sem interferência ou interpolação de qualquer outro material indevido ou impróprio. Com esta filosofia de trabalho em mente, os relatos divinamente inspirados da vida e da obra de Jesus foram examinados muitas vezes, e sob vários ângulos, na tentativa de discernir a motivação do Mestre no cumprimento de sua missão.

Suas estratégias foram analisadas do ponto de vista de seu ministério como um todo, na esperança de que, desta maneira, fosse possível identificar o propósito maior contido em seus métodos de alcançar vidas. A tarefa não foi nada fácil, e sou o primeiro a reconhecer que ainda há muito que se

aprender. É impossível restringir a grandeza ilimitada do Senhor da glória a qualquer tentativa de interpretação humana de sua perfeição, e quanto mais olhamos para Deus, mais nos certificamos desta realidade.

CRISTO, UM MODELO PERFEITO

Mesmo reconhecendo a limitação deste estudo, devo dizer que nada é mais gratificante. Por mais restrita que possa ser nossa capacidade de percepção, sabemos que temos um Professor perfeito em Jesus. Ele nunca cometeu um erro. Apesar de ter compartilhado nossa natureza humana e ser tentado de todas as formas, nunca foi dominado pelas limitações da carne, que aceitou por amor a nós. Mesmo optando por não colocar em prática sua onisciência divina, Jesus tinha tudo muito claro em sua mente.

Sempre soube o que era certo, e como Varão perfeito, viveu como o próprio Deus entre os seres humanos.

OBJETIVO BEM DEFINIDO

Os dias nos quais Jesus viveu num corpo carnal nada mais eram que o desdobramento histórico do plano de Deus desde o princípio de todas as coisas. A intenção do Senhor sempre foi essa: Separar do mundo um povo que fosse só seu e construir uma Igreja fundamentada no Espírito Santo, a qual jamais morreria.

Ele sinalizou o dia da vinda de seu Reino, em glória e poder. Este mundo era sua Criação, mas não sua morada eterna. As mansões divinas estavam nos céus, e um lugar estava sendo preparado para seu povo na eternidade.

Ninguém foi excluído do propósito do Senhor, por sua graça. Seu amor era universal. Não se engane com isso: Jesus era “o Salvador do Mundo” (Jo 4:42). Deus queria que todos os seres humanos fossem salvos e conduzidos ao conhecimento da verdade.

Com esta finalidade, Cristo deu a própria vida, oferecendo salvação de todo pecado a todas as pessoas. Ao

fazer isto por um, o fez por todos. Ao contrário da superficialidade de nossos conceitos, para Jesus nunca houve uma distinção entre missões nacionais e transculturais. Ele sempre considerou tudo como evangelização mundial.

SEU PLANO ERA DE VITÓRIA

A vida de Jesus foi orientada por seu objetivo. Tudo que fez e afirmou fazia parte de um plano preestabelecido, e era revestido de relevância porque contribuía para o propósito supremo de sua vida: redimir o mundo para Deus. Esta era a motivação que orientava suas ações e dirigia seus passos. Guarde isso em sua mente: o Mestre não deixou sua visão nem se desviou do objetivo um momento sequer.

Por isso é tão importante analisar as articulações de que Jesus se valeu para alcançar sua meta. O Mestre revelou a estratégia de Deus para conquistar o mundo. Ele tinha confiança no futuro exatamente porque vivia de acordo com aquele plano no presente. Nada foi casual em sua vida. Nenhuma energia foi empregada em vão, nenhuma palavra foi jogada fora. Ele estava trabalhando para Deus (Lc 2:49). Jesus viveu, morreu e ressuscitou de acordo com uma agenda previamente elaborada. Como um general que traça um plano de batalha, o Filho de Deus planejou sua vitória. Ele não podia apenas arriscar. Pesando cada alternativa e avaliando cada variante da experiência humana, Cristo concebeu um plano que não tinha como dar errado.

UMA ANÁLISE CUIDADOSA E RELEVANTE

Estudar o Plano mestre de evangelismo é uma experiência que produz muitas revelações. Aqueles que se propõem a refletir com seriedade a respeito do assunto chegarão a algumas conclusões muito profundas, talvez até chocantes, embora a compreensão provavelmente seja gradual e difícil. Na verdade, a princípio, pode até parecer que Jesus não tinha um plano. Outro tipo de abordagem pode levar à descoberta de alguma técnica específica, mas perder o padrão que fundamenta a estratégia geral. Esta, aliás, é uma de suas

peculiaridades: ela é tão despretensiosa e sutil que passa despercebida pelos líderes mais desatentos.

Mas quando o discípulo de Cristo finalmente compreende o método utilizado pelo Mestre, fica maravilhado com sua simplicidade e se pergunta como não conseguiu percebê-lo antes. Refletindo a respeito do plano de Jesus, vê-se que a filosofia na qual se baseia é tão diferente do que se vê nas igrejas de hoje em dia que suas implicações chegam a ser revolucionárias.

Nas próximas páginas, tentamos esclarecer oito princípios norteadores do Plano mestre de evangelismo. Contudo, é importante dizer que a seqüência de apresentação não significa que cada passo deva ser compreendido como uma etapa, como se o último só pudesse ser iniciado depois de cumprido todos os anteriores. Na verdade, todos os capítulos estão interligados, e em certo sentido, todos começam com o primeiro passo. A intenção, ao elaborar este esboço, é a de estruturar o método de Jesus e destacar a lógica progressiva de seu plano de evangelização. É importante observar que, à medida que o ministério de Jesus Cristo progride, cada passo se torna mais marcante e a seqüência, mais fácil de distinguir.

NOTAS

1Há inúmeros livros que tratam das diversas fases da mensagem evangelística e da metodologia de Jesus. Entre os títulos que podem oferecer contribuições bastante úteis estão: *How Jesus dealt with man* [Como Jesus lidava com as pessoas], de Raymond Calkins (Nashville: Abingdon-Cokesbury Press, 1942); *As he passed by* [Conforme ele passava], de Allan Knight Chalmers (Nova York: The Abingdon Press, 1939); *Meeting the Master* [Encontro com o Mestre], de Ozora Davis (Nova York: Association Press, 1917); *The personal evangelism of Jesus* [O evangelismo pessoal de Jesus], de F.V. McFatridge (Grand Rapids: Zondervan, 1939); *The great physician* [O grande médico], de G. Campbell Morgan (Nova York: Fleming H. Revell, 1937); *How Jesus won men* [Como Jesus ganhava almas], de L.R. Scarborough (Nova York: George H. Doran,

1926); Christ's way of winning souls [A maneira pela qual Jesus ganhava almas], de John Calhoun Sligh (Nashville: Publishing House of the M.E. Church, South, 1909); The magnetism of Christ [O magnetismo de Cristo], de John Smith (Londres: Hodder and Stoughton, 1904); The evangelism of Jesus [O evangelismo de Jesus], de Mack Stokes (Nashville: Methodist Evangelistic Materials, 1960); The evangelism of Jesus [O evangelismo de Jesus], de Earnest Clyde Wareing (Nova York: The Abingdon Press, 1918); Basic New Testament evangelism [Evangelismo básico do Novo Testamento], de Faris D. Whitesell (Grand Rapids: Zondervan, 1949). Além desses trabalhos, que tratam especificamente dos métodos evangelísticos de Jesus, há muitos outros que concentram atenção particular sobre um ou dois capítulos, como Modern evangelism [Evangelismo moderno], de R.W. Cooper (Nova York: Fleming H. Revell, 1929, cap. 2); Taking men alive [Resgatando vidas], de Charles G. Trumbull (Nova York: Fleming H. Revell, 1927, cap. 9); Galilean fisherman [O pescador Galileu], de S.A. Whitmer (Berne, Indiana: Life and Hope, 1940, cap. 10). No entanto, toda obra que trata da vida e dos ensinamentos de Cristo oferece, em maior ou menor grau, referências a seus métodos evangelísticos, e muitos desses trabalhos mais amplos trazem uma discussão mais completa de casos específicos.

2Alguns dos livros e textos mais importantes são: The pedagogy of Jesus [A pedagogia de Jesus], de Walter Albeon Squires (Filadélfia: Westminster, 1927, p. 67-168); The Christ of the classroom [O Cristo da sala de aula], de Norman E. Richardson (Nova York: Macmillan, 1931, p. 121-82); Jesus the Teacher [Jesus, o Professor], de J.M. Price (Nashville: Convention Press, 1954, p. 31-60).

3Por exemplo, informações úteis relativas à estratégia de Jesus podem ser encontradas em obras bastante conhecidas, como The life of our Lord [A vida de nosso Senhor], de Samuel J. Andrews (Grand Rapids: Zondervan, 1954, p. 121,2); The life of the Lord Jesus [A vida do Senhor Jesus], de J.P. Lange (Grand Rapids: Zondervan, 1958, v. 1, p. 393-410; v. 2, p.182-

97); The life and times of Jesus the Messiah [A vida e a época de Jesus, o Messias], de Alfred Edersheim (Nova York: E.R. Herrick, 1886, v. 1, p. 472-7); The days of his flesh [Os dias da encarnação], de David Smith (Londres: Hodder e Stoughton, 1905, p. 157-67). Epochs in the life of Jesus [Períodos da vida de Jesus], de A.T. Robertson (Broadman Press, 1974).

4Arte Editorial, 2004.

5Henry LATHAM. Pastor pastorum. Cambridge: Deighton Bell, 1910.

6É preciso pensar duas vezes antes de elaborar uma lista dessas obras, já que o grau de importância de cada uma à discussão do tema é muito variável, além de seu conteúdo estar sujeito a interpretações. No entanto, os títulos selecionados e mencionados a seguir, que chamaram minha atenção, merecem destaque: Traits of the Twelve [As peculiaridades dos Doze], de Edwin A. Schell (Cincinnati: Jennings and Graham, 1911); With the Twelve [Na companhia dos Doze], de Carl A. Glover (Nashville: Cokesbury Press, 1939); Christ's way with people [Como Cristo lidava com as pessoas], de F. Noel Palmer (Londres: Marshall, Morgan e Scott, 1943); The Twelve together [Os Doze reunidos], de T. Ralph Morton (Glasgow: The Iona Community, 1956). Há também passagens selecionadas em outros livros, com capítulos dedicados a este tema, como em Jesus' way with people [Como Jesus lidava

com as pessoas], de Alexander C. Purdy (Nova York: The Womans Press, 1926, p. 101-15); The New Testament order for Church and missionary [A orientação do Novo Testamento para a Igreja e os missionários], de Alexander Rattray Hay (Audubon). New Testament Missionary Union, 1947, p. 36-43.

1. RECRUTAMENTO

E escolheu doze deles

Lucas 6:13

O MÉTODO DE JESUS SE BASEAVA EM PESSOAS

Tudo começou quando Jesus chamou alguns homens e os convidou a segui-lo. Este ato era suficiente para revelar o rumo que sua estratégia evangelística tomaria. Ele não se preocupava com projetos especiais para alcançar grandes platéias, mas com pessoas a quem as multidões deveriam seguir. É interessante destacar que Jesus começou a reunir aqueles homens antes de organizar campanhas evangelísticas ou mesmo de pregar em público. As pessoas eram a base de seu método de ganhar o mundo para Deus.

O objetivo inicial do plano de Jesus era o de arregimentar pessoas que fossem capazes de testemunhar a respeito de sua vida e manter sua obra em andamento depois que retornasse ao Pai. João e André foram os primeiros convocados, logo depois que Jesus deixou o cenário do grande avivamento promovido por João Batista em Betânia, do outro lado do rio Jordão (Jo 1:35-40).

André retribuiu levando seu irmão, Pedro (Jo 1:41,42). No dia seguinte, Jesus encontrou Filipe no caminho para a Galiléia, e Filipe, por sua vez, encontrou Natanael (Jo 1:43-51). Não há nenhuma evidência de que a seleção desses discípulos tenha sido precipitada. Eles foram designados, só isso. Tiago, irmão de João, não é mencionado como integrante do grupo até os quatro pescadores serem convocados novamente, muitos meses depois, no mar da Galiléia (Mc 1:19; Mt 4:21). Logo depois, ao passar pela cidade de Cafarnaum, o Mestre propõe a Mateus segui-lo (Mc 2:13,14; Mt 9:9; Lc 5:27,28). As

peculiaridades envolvendo a chamada dos demais discípulos não foram registradas nos evangelhos, mas acredita-se que todas ocorreram no primeiro ano do ministério de nosso Senhor.¹

Como era de se esperar, os primeiros esforços no sentido de ganhar almas tiveram pouco ou nenhum efeito imediato na vida religiosa da época de Jesus, mas isso não era o mais importante. O tempo passou, e aqueles poucos pioneiros convertidos estavam destinados a se tornar os líderes da Igreja do Senhor que levariam o Evangelho por todo o mundo. Do ponto de vista do propósito supremo de Deus, suas vidas tiveram um significado que durará por toda a eternidade. É só isso que importa.

GENTE ANSIOSA PARA APRENDER/ DISPOSTOS A APRENDER

O aspecto mais revelador sobre aqueles homens é que, a princípio, nenhum deles impressionava. Ninguém ocupava posição de destaque na sinagoga, e nenhum deles pertencia ao corpo sacerdotal levita. A maioria era formada por trabalhadores comuns, e provavelmente não tinha qualquer qualificação além do conhecimento básico necessário para o exercício de sua profissão.

Talvez alguns pertencessem a famílias abastadas, como os filhos de Zebedeu, mas nenhum deles poderia ser considerado rico. Não tinham formação acadêmica nas artes e filosofias daquele tempo. Assim como o Mestre, a educação formal que receberam consistia apenas no que se aprendia nas escolas das sinagogas. Muitos cresceram na área mais pobre em torno da Galiléia. Aparentemente, o único dos Doze criado numa região mais privilegiada da Judéia era Judas Iscariotes.

Portanto, sob qualquer critério de sofisticação cultural daquela época ou atual, os apóstolos poderiam ser considerados como um agrupamento tosco de almas. É difícil compreender como Jesus poderia usar gente assim. Eram pessoas impulsivas, temperamentais, que se melindravam com facilidade e vítimas de todo tipo de preconceito no contexto em que viviam. Para resumir, aqueles homens selecionados pelo

Senhor para ser seus assistentes representavam o perfil médio da sociedade daqueles dias.² Não era o tipo de gente de quem se pudesse esperar ganhar o mundo para Cristo.

Mesmo assim, Jesus viu naqueles homens simples o potencial de liderança para o Reino. De fato, eram pessoas “comuns e sem instrução”, de acordo com o padrão do mundo (At 4:13), mas tinham capacidade de aprender. Embora costumassem errar em seus julgamentos e fossem lentos para compreender as questões espirituais, eram homens honestos, prontos para admitir suas fraquezas. Seu comportamento poderia ser grosseiro e suas habilidades, limitadas, mas à exceção do traidor, todos tinham um grande coração.

Talvez o fato mais significativo sobre os apóstolos era seu grande anseio por Deus e pelas coisas divinas. A superficialidade da vida religiosa à volta deles não deturpou a esperança que tinham pela vinda do Messias (Jo 1:41,45,49; 6:69). Estavam fartos da hipocrisia dos aristocratas legalistas. Alguns já haviam se unido ao movimento de avivamento promovido por João Batista (Jo 1:35). Aqueles homens procuravam por alguém que os guiasse no caminho da salvação. Gente assim, disposta a se deixar moldar pelas mãos do Mestre, poderia ganhar uma nova imagem. Jesus pode usar qualquer um que deseje ser usado.

FOCO BEM DEFINIDO: CONCENTROU-SE EM ALGUNS POUCOS

Ao destacar este fato, porém, não temos a intenção de ignorar a verdade prática de como Jesus fez aquilo. Aqui está a sabedoria de seu método, e quando observamos este detalhe, voltamos ao princípio fundamental do foco do Mestre sobre aqueles que pretendia usar. Não dá para transformar o mundo se as pessoas que nele vivem não forem transformadas; e as pessoas não mudam, a não ser que Jesus molde suas vidas. A necessidade, ao que parece, não era apenas a de recrutar uns poucos leigos, mas manter o grupo suficientemente pequeno para que pudesse ser bem trabalhado.

Por isso, conforme o grupo de seguidores cresceu ao redor de Jesus, por volta da metade de seu segundo ano de

ministério, tornou-se necessário reduzir a companhia mais seleta a um número mais fácil de administrar. Assim, Jesus “chamou seus discípulos e escolheu doze deles, a quem também designou apóstolos”. (Lc 6:13-17; v. Mc 3:13-19). Independentemente do significado simbólico que algumas pessoas atribuem ao número doze,³ é evidente que Jesus queria que aqueles homens tivessem privilégios e responsabilidades singulares na obra do Reino de Deus.

Isto não quer dizer que, com a decisão de ter doze apóstolos, Jesus estava excluindo outras pessoas de seu círculo de seguidores. Como sabemos, havia muito mais discípulos, e alguns deles se tornaram obreiros muito eficazes da Igreja. Os Setenta (Lc 10:1); Marcos e Lucas, que revelaram o Evangelho; e Tiago, irmão do Senhor (1Co 15:7; Gl 2:9,12; v. Jo 2:12; 7:2-10), são exemplos notáveis disto. Contudo, devemos reconhecer que os Doze começaram a se destacar, em termos de prioridade, em relação aos demais.

A mesma regra poderia ser aplicada em sentido inverso: dentro do seletto grupo apostólico, Pedro, Tiago e João pareciam desfrutar de um relacionamento ainda mais especial com o Mestre do que os outros nove. Só aquele pequeno grupo privilegiado foi convidado a entrar no quarto onde a filha de Jairo estava deitada (Mc 5:37; Lc 8:51); só eles três acompanharam o Mestre e viram sua glória no monte da Transfiguração (Mc 9:2; Mt 17:1; Lc 9:28); e em meio às sombras tenebrosas projetadas pelas oliveiras do jardim do Getsêmani, sob a lua cheia da madrugada da Páscoa, aqueles membros do círculo mais íntimo de Jesus o acompanhavam de perto, enquanto ele orava (Mc 14:33; Mt 26:37).

A preferência que dedicava àquele trio era tão evidente que, se não fosse pela mais pura atitude de renúncia e desprendimento, encarnada na pessoa de Cristo, poderia ter provocado sentimentos ressentidos nos demais apóstolos. O fato de não haver registro de reclamações dos discípulos sobre a proeminência dos três — ainda que houvessem se queixado de outras coisas — é prova de que a demonstração de algum tipo de preferência não precisa ser necessariamente uma ofensa, desde que isto aconteça dentro de um contexto adequado e por razões justas.⁴

A APLICAÇÃO DO PRINCÍPIO

O modo espontâneo de Jesus dedicar sua vida àqueles que desejava treinar era impressionante. Também serve para ilustrar um princípio fundamental do ensino: o de que, em igualdade de condições, quanto mais concentrado e compacto for o grupo a ser orientado, maior o potencial para uma instrução eficaz.⁵

Jesus dedicou parte considerável de seu tempo na Terra àqueles poucos discípulos. Ele empenhou todo seu ministério neles. O mundo poderia até demonstrar indiferença quanto ao Mestre, mas ainda assim sua estratégia seria vitoriosa. Por isso é que Jesus não ficou muito preocupado quando seus seguidores, no momento mais crucial, deixaram de ser leais a ele, ao confrontarem o verdadeiro significado do Reino (Jo 6:66). Mas ele não podia suportar a idéia de que seus discípulos mais chegados se desviassem do propósito maior. Era preciso que eles entendessem a verdade e por ela fossem santificados (Jo 17:17), caso contrário todo o restante iria por água abaixo. Foi assim que ele orou não “pelo mundo”, mas pelos poucos que Deus dera a ele, “pois são teus” (Jo 17:6,9).⁶ Tudo dependia da fidelidade aquele pequeno grupo: o mundo creia em Jesus “por meio da mensagem deles” (Jo 17:20).

VALORIZAÇÃO DAS MASSAS

No entanto, seria um erro presumir, com base no que foi dito até agora, que Jesus dava menor importância às massas. Com certeza, este não era o caso. Jesus fez tudo que qualquer pessoa poderia ter feito, e ainda mais, para alcançar as multidões. A primeira coisa que fez quando iniciou seu ministério, numa atitude de muita ousadia, foi se identificar com o grande movimento de avivamento popular de sua época, por meio do batismo realizado por João Batista (Mc 1:9-11; Mt 3:13-17; Lc 3:21,22).

Mais tarde, Jesus fez uma pausa em seu ministério para louvar o trabalho do grande profeta (Mt 11:7-15; Lc 7:24-28), e orava o tempo todo pelas multidões que o seguiam em seu

ministério de operação de milagres. Ele as ensinava. Providenciou alimento quando viu que o povo tinha fome. Curou os doentes e expulsou os demônios que os oprimiam. Abençoou as criancinhas. De vez em quando, era capaz de passar o dia inteiro cuidando das necessidades das pessoas, mesmo tendo que chegar “ao ponto de eles não terem tempo para comer” (Mc 6:31). De todas as formas possíveis, Jesus manifestou uma grande preocupação com as massas. Eram aquelas as pessoas que veio salvar. Ele as amava, chorou com elas e, no fim, morreu para salvá-las de seu pecado. Ninguém pode dizer que Jesus se negou a evangelizar o povo.

MULTIDÕES DESPERTADAS

Na verdade, a habilidade que Jesus possuía de cativar as multidões criou um problema sério em seu ministério. Ele foi tão bem-sucedido na expressão de sua compaixão e de seu poder que as pessoas, a certa altura, “pretendiam proclamá-lo rei à força”. (Jo 6:15). Um dos seguidores de João Batista, ao prestar relatório a seu mestre, afirma que “todos” estavam clamando pela atenção de Jesus (Jo 3:26). Até os fariseus admitiam entre si que “o mundo todo” estava seguindo o Cristo (Jo 12:19). Para os chefes dos sacerdotes, tão amargo quanto o reconhecimento da popularidade de Jesus foi ter que concordar com o fato (Jo 11:47,48).

Sob qualquer ponto de vista, o registro do Evangelho com certeza não indica que Jesus tenha desprezado seguidores entre as grandes massas, apesar da falta de lealdade que eles demonstravam. E foi assim até o fim de seu ministério. De fato, foi o medo dessa popularidade de Jesus que induziu seus acusadores a pensar numa oportunidade de capturá-lo quando não houvesse muita gente por perto (Mc 12:12; Mt 21:26; Lc 20:19).

Se Jesus tivesse incentivado este sentimento popular entre as massas que o seguiam, teria todos os reinos deste mundo a seus pés com facilidade. Bastaria a ele satisfazer as necessidades e as curiosidades temporais das pessoas com seu poder sobrenatural. Foi assim a tentação que Satanás apresentou no deserto, quando Cristo foi desafiado a

transformar pedras em pães e atirar-se do pináculo do templo para que Deus o socorresse (Mt 4:1-7; Lc 4:1-4,9-13).

Sem dúvida, aqueles feitos espetaculares levariam as multidões a aplaudi-lo. Satanás não estava oferecendo nada a Jesus quando prometeu todos os reinos deste mundo se o Mestre apenas o adorasse (Mt 4:8-10). O maior enganador dos seres humanos sabia muito bem que Jesus teria tudo isso caso deixasse sua atenção se desviar das coisas que realmente importavam no Reino eterno.⁷

Mas Jesus não estava ali para se exibir diante de uma platéia. Pelo contrário: por várias vezes, ele fez o possível para evitar que o apoio popular superficial das multidões — resultado da manifestação de seu poder extraordinário — influenciasse (por exemplo: Jo 2:23—3:3; 6:26,27). Com freqüência, ele pedia àqueles que recebiam algum tipo de cura para não revelar o que tinha acontecido. A idéia era a de evitar demonstrações públicas de poder diante das pessoas que se reuniam à sua volta com muita facilidade.⁸ Da mesma maneira, com os discípulos que viram sua transfiguração no monte, “Jesus lhes ordenou que não contassem a ninguém o que tinham visto, até que o Filho do homem tivesse ressuscitado dos mortos” (Mc 9:9; Mt 17:9).

Em outras ocasiões, quando recebia os aplausos da multidão, o Mestre se retirava com seus discípulos e ia para algum lugar no qual pudesse dar prosseguimento a seu ministério.⁹

Às vezes, esta prática adotada por Jesus aborrecia seus seguidores — pelo menos, aqueles que não compreendiam a estratégia do Senhor. Até mesmo seus irmãos e irmãs, que ainda não criam nele, tentavam convencê-lo a abandonar esta forma de agir e realizar um grande espetáculo público diante do mundo, no qual ele seria o astro. Contudo, o Mestre recusou-se a acatar o conselho daquelas pessoas (Jo 7:2-9).

DIFICULDADE PARA ENTENDER

Diante desta postura, não chega a ser surpresa o fato de tão poucas pessoas terem sido convertidas de fato durante o ministério de Cristo — pelo menos, aquelas que davam sinais

claros de conversão. É claro que muitas multidões creram em Jesus, no sentido em que seu ministério divino foi acolhido por elas,¹⁰ mas, em termos comparativos, pouca gente parece ter alcançado o significado do Evangelho. Talvez o número total de seguidores leais de Cristo no fim de seu ministério na Terra fosse pouco maior do que uns 500 irmãos aos quais Jesus apareceu depois da ressurreição (1Co 15:6), e não mais do que 120 permaneceram em Jerusalém para receber o batismo do Espírito Santo (At 1:15).

Embora este número não seja tão reduzido — considerando que seu ministério ativo se estendeu por um período de apenas três anos —, ainda assim, se fosse medida a eficácia de sua obra pelo total de convertidos, Jesus dificilmente seria considerado um dos maiores evangelistas da Igreja.

A ESTRATÉGIA

Por quê? Qual seria o motivo de Jesus concentrar sua vida num número relativamente tão reduzido de pessoas? Ele não veio para salvar o mundo? Ainda mais depois de ter sido anunciado com tanto entusiasmo nos discursos de João Batista às multidões, o Mestre poderia formar, com facilidade, um grupo de milhares de seguidores, se assim desejasse. Então, por que ele não capitalizou as oportunidades que teve de montar um poderoso exército de fiéis para tomar o mundo de assalto? Com certeza, o Filho de Deus poderia ter adotado um programa mais atraente de recrutamento de seguidores em larga escala.

Não é um pouco decepcionante saber que alguém com todos os poderes do universo em suas mãos preferiu viver e morrer para salvar o mundo, e mesmo assim, no fim de seu ministério terreno, tinha apenas alguns discípulos meio toscos como resultado de seus esforços?

O foco da resposta a esta pergunta está no propósito verdadeiro do plano de Jesus para a evangelização. Jesus não estava tentando impressionar a multidão, mas prenunciar um Reino. Isto significa que precisava de pessoas capazes de liderar grandes grupos. Em que contribuiria para seu objetivo

supremo de despertar o povo a segui-lo se aquelas pessoas não tivessem supervisão ou instrução a respeito do Caminho, posteriormente?

Isso foi demonstrado em inúmeras ocasiões nas quais a multidão tornou-se vítima fácil de falsos deuses, quando deixada aos próprios cuidados. As massas eram como rebanhos de ovelhas desamparadas, perambulando sem destino e sem um pastor (Mc 6:34; Mt 9:36; 14:14). Ansiavam por seguir qualquer um que aparecesse com uma promessa de bem-estar e prosperidade, fosse um amigo ou um inimigo. Esta era a tragédia da época:

Jesus era capaz de incitar as aspirações mais sublimes do povo, mas eram rapidamente frustradas quando aparecia alguma autoridade religiosa mal-intencionada para controlar as massas. Mesmo sendo poucos, em números relativos,¹¹ os líderes espirituais cegos de Israel (Jo 8:44; 9:39-41; 12:40; v. Mt 23:1-39) dominavam tudo que dizia respeito ao povo. Por esta razão, a não ser que os convertidos a Jesus tivessem homens de Deus competentes para liderá-los e protegê-los na verdade, logo se perderiam em confusão e desespero, e o último estado seria ainda pior do que o primeiro. Assim sendo, antes que o mundo pudesse ser ajudado de uma vez por todas, algumas pessoas surgiriam para guiar as multidões nas coisas de Deus.

Jesus era um realista. Ele compreendeu totalmente a volubilidade da natureza humana deturpada, assim como as forças satânicas deste mundo reunidas para combater a Humanidade. Foi com base neste conhecimento que ele elaborou seu plano evangelístico para suprir a necessidade dos pecadores. As multidões de almas em conflito e desorientadas estavam potencialmente prontas para segui-lo, mas Cristo sozinho não poderia dar a elas a atenção pessoal da qual precisavam. Sua única alternativa era dispor de homens imbuídos do próprio Evangelho que cumpririam esta tarefa. Por esta razão, ele concentrou seus esforços na preparação daqueles que dariam início a seu método de liderança.

Embora Jesus tivesse feito o que podia para ajudar o povo, precisava dedicar sua atenção prioritariamente a algumas pessoas, mais do que às massas, com o objetivo de

garantir que elas tivessem oportunidade de conhecer o caminho da salvação. Este era o aspecto mais genial de sua estratégia.

A APLICAÇÃO DO PRINCÍPIO NOS DIAS DE HOJE

Por mais estranho que possa parecer, este princípio não é muito bem compreendido hoje em dia. Muitos esforços evangelísticos começam com as multidões para depois alcançar as pessoas individualmente, segundo a suposição de que a Igreja está qualificada para conservar as coisas boas que faz. O resultado é uma ênfase extraordinária em números de convertidos, candidatos a batismo e aumento na lista de membros da congregação, enquanto pouco ou nenhum interesse genuíno é demonstrado pelo aprofundamento e pela afirmação dessas almas no amor e no poder de Deus — isso sem falar na preservação e na continuidade da obra do Senhor.

A esta altura, se o padrão estabelecido por Jesus significa alguma coisa de fato, ele ensina que a primeira obrigação de um pastor, assim como a primeira preocupação de um evangelista, é assegurar-se desde o início de que há um fundamento sobre o qual pode ser erguido um ministério evangelístico eficaz e contínuo para alcançar as multidões. Isto exigirá uma concentração ainda maior de tempo e talentos sobre um número reduzido de pessoas na igreja, sem negligenciar a paixão pelo mundo que precisa de salvação. Significará o surgimento de uma liderança treinada “para a obra do ministério” junto com o pastor (Ef 4:12).

Um punhado de pessoas capazes de dedicar-se desta maneira é suficiente para mobilizar o mundo por Deus.¹² A vitória nunca é alcançada pelas multidões. É possível que alguém argumente que a aplicação deste princípio pelo obreiro cristão revela um certo favoritismo por determinado grupo dentro da igreja. No entanto, mesmo que isto aconteça, ainda é esta a maneira segundo a qual Jesus concentrou seus esforços, e se algum tipo de liderança permanente precisa ser formado, é fundamental colocar este princípio em ação.

Onde há um amor genuíno por toda a igreja e uma preocupação autêntica pelas necessidades das pessoas, estas objeções podem, pelo menos, ser conciliadas com a missão que devemos cumprir. De qualquer forma, o objetivo supremo deve estar bem claro na mente do obreiro, e não pode haver um traço sequer de parcialidade ou egoísmo nos relacionamentos que ele mantém com todas as pessoas. Tudo que se faz com os grupos pequenos tem por finalidade a salvação das multidões.

UMA DEMONSTRAÇÃO CONTEMPORÂNEA

Este princípio de seleção e concentração de esforços está enraizado no universo, e traz resultados palpáveis, não importa quem seja a pessoa que o coloca em prática, crendo ou não a igreja em sua eficácia. Com certeza, não é à toa que os comunistas, sempre alertas aos métodos que funcionam de fato, adotaram em larga escala o mesmo método de Jesus para expansão de sua ideologia.

Valendo-se dele para atingir seus objetivos, conseguiram multiplicar-se, deixando de ser um punhado de zelotes para se transformar numa vasta rede que chegou a dominar quase metade da população do planeta. Eles provaram, na história recente, o que Jesus demonstrou de modo tão claro em sua época: que as multidões podem ser conquistadas com facilidade se tiverem bons líderes para seguir.

Será que, em certo sentido, a expansão que a filosofia comunista alcançou há algumas décadas poderia ser encarada como um julgamento da Igreja? Até que ponto a debilidade de nosso compromisso com o evangelismo, assim como a maneira superficial com que lidamos com a questão, podem ter sido colocados na berlinda?

É HORA DE AGIR

Está na hora de a Igreja confrontar a situação de modo realista. Os dias de superficialidade já se foram. O programa evangelístico da Igreja naufragou em praticamente todas as frentes. O pior de tudo é que o grande impulso missionário da expansão do Evangelho através de novas fronteiras perdeu sua

força. Em muitos países, a Igreja enfraquecida mal consegue acompanhar a explosão populacional. Enquanto isso, as forças satânicas deste mundo estão se tornando ainda mais implacáveis e ousadas em seus ataques.

Quando paramos para pensar sobre isso, percebemos a ironia. Numa era em que há recursos disponíveis para a disseminação rápida do Evangelho por parte da Igreja como nunca se viu antes, na prática estamos alcançando menos resultados em nosso objetivo de ganhar o mundo para Deus do que antes da invenção do automóvel.

Ao avaliar a condição trágica do mundo de hoje, não podemos agir de modo afobado na tentativa de reverter a tendência de uma hora para a outra. Talvez este tenha sido nosso problema. Com a preocupação de conter a maré, implantamos um programa evangelístico de impacto atrás do outro para alcançar as multidões com a palavra de Deus. No entanto, por conta de nossa frustração, falhamos por não compreender que o problema verdadeiro não está no povo — no que ele crê, como é governado, se é bem alimentado ou não. Todas essas coisas, consideradas tão vitais, são, em última análise, manipuladas por outras pessoas.

Por esta razão, antes de resolver a questão da exploração das massas, precisamos chegar àqueles que as conduzem. É claro que isto torna uma prioridade a missão de ganhar e treinar essas pessoas para que assumam posições de responsabilidade na liderança. Mas se não podemos começar por cima, então é melhor dar a largada onde estamos, treinando alguns dos mais simplórios para que se tornem grandes. E cabe lembrar, também, que ninguém precisa do prestígio do mundo para ser útil no Reino de Deus. Qualquer pessoa que deseje seguir a Cristo com fervor pode se tornar uma influência poderosa sobre o mundo — desde que, naturalmente, passe ela mesma pelo treinamento adequado.

É neste ponto que devemos começar, do mesmo modo que Jesus. Será um trabalho lento, chato, doloroso. É provável que, a princípio, ninguém sequer note nosso esforço. Contudo, o resultado final será glorioso, mesmo que não vivamos o suficiente para testemunhá-lo. Vista por este ângulo, esta decisão revela-se muito importante para o ministério. É

preciso resolver em que âmbito devemos fazer diferença: no reconhecimento momentâneo proporcionado pelo aplauso das multidões ou na reprodução da vida de Cristo a partir da obra de alguns poucos escolhidos que cumprirão sua tarefa depois de nós. A questão é: para qual geração estamos vivendo?

No entanto, devemos prosseguir. Agora precisamos analisar como Jesus treinou seus homens para realizar sua obra. O padrão geral é parte do mesmo método, e não podemos separar uma etapa da outra sem comprometer sua eficácia.

NOTAS

1Uma das qualificações dos apóstolos, mencionada em Atos 1:21, era que tivesse acompanhado o Mestre, “desde o batismo de João até o dia em que Jesus foi elevado dentre nós às alturas”. Embora esta passagem não revele que ponto da obra batismal de João devemos considerar como marco inicial (com certeza, não desde o princípio, nem a partir do próprio batismo do Senhor), ela sugere uma associação prévia de todos os apóstolos com Jesus, talvez na época em que João Batista foi aprisionado. Veja Samuel J. ANDREWS, op. cit., p. 268; v. Alfred EDERSHEIM, op. cit., v. 1, p. 521.

2Muitos autores tentaram traçar um perfil dos doze apóstolos. Entre os que se propuseram a esta tarefa, além dos já citados em notas anteriores, os seguintes títulos forneceram textos de leitura bastante acessível: *The representative men of the New Testament* [Os homens mais representativos do Novo Testamento], de George Matheson (Nova York: Eaton and Mains, 1905); *The Twelve* [Os Doze], de Edward Augustus George (Nova York: Fleming H. Revell, 1916); *The men whom Jesus made* [Os homens que Jesus formou], de W. Mackintosh Mackay (Nova York: George H. Doran, 1924); *The Máster and the Twelve* [O Mestre e os Doze], de J.W.G. Ward

(Nova York: George H. Doran, 1924); *The Twelve*, de Charles R. Brown (Nova York: Harper, 1926); *The glorious company* [A companhia gloriosa], de Francis Witherspoon (Nova York: Harcourt, Brace and Co., 1928); *The twelve Christ chose* [Os doze que Cristo escolheu], de Asbury Smith (Nova

York: Harper, 1958); *The Master's men* [Os homens do Mestre], de William Barclay (Nashville: Abingdon, 1991); *Great personalities of the New Testament* [Grandes personalidades do Novo Testamento], de William Sanford LaSor (Westwood, N.J: Fleming H. Revell, 1961).

3Várias opiniões foram formadas sobre o motivo de apenas doze terem sido designados “apóstolos”, já que Jesus poderia ter selecionado mais ou realizado sua obra com menos gente, mas a teoria mais plausível provavelmente seja aquela segundo a qual o número sugere uma relação espiritual entre a companhia apostólica e o Reino Messiânico de Deus. Edwin Schell afirma: “Doze é o número do Israel espiritual. Seja por meio da observação dos doze patriarcas, nas doze tribos ou nos doze fundamentos dos doze portões da Jerusalém celestial, este número simboliza, em todas as vezes que aparece, a presença de Deus na família humana — a interpenetração do mundo pela divino” (Edwin SCHELL. op. cit., p. 32. É bem possível que os apóstolos tenham visto neste número um sentido mais literal, e tenham começado a cultivar esperanças ilusórias de ver a restauração de Israel, num sentido político. Não há dúvida de que tinham noção dos papéis que exerceriam entre os Doze, e tiveram a preocupação de encontrar uma pessoa para ocupar a vaga que fora aberta a partir da morte de Judas (At 1:15-26; v. Mt 19:28). Uma coisa, porém, é certa: o número serviu para reforçar no coração dos escolhidos sua importância na obra futura do Reino.

4Henry Latham sugere que o recrutamento daqueles três apóstolos serviu para convencer todo o grupo sobre a necessidade de “abnegação total”. Segundo sua análise, era mesmo intencional mostrar aos apóstolos que “Cristo atribuía incumbências a quem quisesse; que o simples fato de fazer parte da obra de Deus já é uma honra; e que ninguém deve se sentir desencorajado por ver outras pessoas recebendo um tipo de trabalho aparentemente mais importante que os demais”. Henry LATHAM. op. cit., p. 325.

5 O princípio da concentração exemplificado no ministério de Jesus não chegava a ser uma novidade. Sempre fez parte da estratégia de Deus, desde o princípio. O Antigo Testamento registra como Deus selecionou Israel, uma nação relativamente pequena, para através dela colocar em ação seu propósito redentor para toda a humanidade. Mesmo entre os israelitas, a liderança normalmente se concentrava no âmbito familiar, em especial no ramo davídico da tribo de Judá.

6 A oração sacerdotal de Cristo no capítulo 17 de João é bastante significativa em relação à conexão que faz com seus apóstolos. Dos 26 versículos da oração, 14 estão diretamente relacionados aos doze discípulos (Jo 17:6-19).

7 A intenção aqui não é a de sugerir que a tentação envolvia apenas a questão da posse dos reinos do mundo, mas apenas a de enfatizar que o apelo da tentação era sobre a estratégia de Jesus — a de evangelizar o mundo —, assim como sobre o propósito espiritual de sua missão. Outra interpretação deste episódio da tentação no deserto, do ponto de vista do método evangelístico, e de certa forma parecida, é dada no livro *Where in the world? [Onde no mundo?]*, de Colin W. William (Nova York: Nat'l Council of Churches of Christ, p. 24-7).

8 Alguns exemplos: o caso do leproso curado (Mc 1:44,45; Mt 8:4; Lc 5:14-16); as pessoas libertadas de espíritos imundos no mar da Galiléia (Mc 3:11,12); Jairo, depois de ver a filha ressuscitar (Mc 5:42,43; Lc 8:55,56); os dois cegos que recuperaram a visão (Mt 9:30); e o cego de Betsaida (Mc 8:25,26).

9 Alguns exemplos podem ser encontrados em Jo 1:29-43; 6:14,15; Mc 4:35,36; 6:1,45,46; 7:24-8:30; Mt 8:18,23; 14:22-23; 15:21,39; 16:4; Lc 5:16; 8:22; e muitos outros.

10 Há exemplos disso em Jo 2:23-25; 6:30-60; 7:31-44; 11:45-46; 12:11,17-19; Lc 14:25-35; 19:36-38; Mt 21:8-11,14-17; Mc 11:8-11.

11 Os fariseus e os saduceus eram os principais líderes de Israel, além dos exércitos de ocupação romanos, e toda a vida religiosa, social, educacional e (num grau mais limitado) política dos aproximadamente 2 milhões de habitantes da Palestina era moldada a partir de sua interferência. Mesmo assim, o número de pessoas que pertenciam ao ramo farisaico — composto, em sua maioria, por rabinos e leigos prósperos —, segundo estimativas do historiador Flavius Josephus (Ant., XVII, 2, 4), não passava de 6 mil. Enquanto isso, o número total de saduceus, grupo formado principalmente de chefes de sacerdotes e famílias que controlavam o Sinédrio de Jerusalém, provavelmente chegava a algumas centenas. Veja Anthony C. DEANE.

The world Christ knew [O mundo que Jesus conheceu] (Londres: Guild Books, 1944, p. 57,60; Alfred EDERSHEIM. op. cit., p. 311. Quando se considera que este grupo de menos de sete mil pessoas, tão reduzido e cheio de privilégios, representava cerca de um terço de 1% da população de Israel e guiava o destino espiritual de uma nação, não é difícil entender por que Jesus falou tanto sobre eles quando ensinava a seus discípulos a necessidade estratégica de melhores lideranças para o povo.

12Esta idéia surge de forma clara na tradução de Efésios 4:11,12: “E ele designou alguns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas, e outros para pastores e mestres, com o fim de preparar os santos para a obra do ministério, para que o corpo de Cristo seja edificado”. Outras versões apresentam o mesmo sentido básico. As três partes do versículo 12 se fazem dependentes umas das outras de forma sucessiva, com a última assumindo a condição de clímax da idéia geral. De acordo com esta interpretação, Cristo concedeu um dom especial a alguns oficiais da igreja com o propósito de aperfeiçoar os santos para que cada um seja capaz de cumprir sua tarefa no grande objetivo de construir o Corpo de Cristo. O

ministério da Igreja é visto como uma obra que envolve todos os membros do corpo (compare 1Co 12:18 com 2Co9:8). Lutero chama atenção a este mesmo aspecto em seu comentário sobre o livro de Efésios, assim como Weiss, Méier, DeWitte e Salmond. Para uma boa compreensão deste versículo a partir desse ponto de vista, veja o volume sobre Efésios em *The expositor's Greek Testament* [O Testamento Grego do expositor bíblico] (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, p. 330,1). Outras visões sobre o assunto são apresentadas com propriedade por Abbott em "Ephesians and Colossians" ["Efésios e Colossenses"] em *International critical commentary* [Comentário crítico internacional] (Edinburgh: T.T. Clark, 1897, p. 119,20); e por Lange em "Galatians-Colossians" ["Gálatas-Colossenses"] em *Commentary on the Holy Scriptures* [Comentário sobre as Escrituras Sagradas] (Grand Rapids: Zondervan, p. 150,1). Um tratamento prático desta idéia geral pode ser encontrado no livro *A ministering church* [Uma igreja que ministra], de Gaines S. Dobbins (Nashville: Broadman, 1960, cap. 2, "A church needs many ministers" ["Uma igreja precisa de muitos ministros"], p. 15-29); e por um ângulo ainda diferente em *The normal christian church life* [A vida normal de uma igreja cristã], de Watchman Nee (Washington: International Students, 1962).

2. ASSOCIAÇÃO

“E eis que estou convosco todos os dias”

Mt 28: 20

JESUS FICAVA COM OS DISCÍPULOS

Tendo chamado os Seus discípulos, Jesus estabeleceu a prática de estar com eles. Essa era a essência de Seu programa de treinamento – deixava que Seus discípulos o seguissem.

Quando estacamos para meditar sobre isso, era uma maneira incrivelmente simples de por esse princípio em prática. Jesus não tinha erudição formal, nem seminários nem cursos de estudos previamente esboçados, nem aulas periódicas para nelas matricular os Seus seguidores. Nenhuma dessas providencias altamente organizadas, reputadas tão necessárias hoje em dia, tinha qualquer papel em Seu ministério. Por mais admirável que isso pareça, tudo quanto Jesus fez, a fim de ensinar aqueles homens em Seu caminho, foi atraí-los para andarem perto de Si. Ele era a Sua própria escola e o Seu próprio currículo.

O método de ensino natural e informal de Jesus fazia violento contraste com o modo de proceder formal e quase escolástico dos escribas. Aqueles mestres religiosos da época de Jesus insistiam que os seus discípulos aderissem estritamente a certos rituais e fórmulas de conhecimento, mediante o que pudessem ser distinguidos dos demais; ao passo que Jesus tão somente pedia que os Seus discípulos O seguissem. O conhecimento não era comunicado pelo mestre em termos de leis e dogmas, mas na personalidade viva de Alguém que andava entre eles. Os Seus discípulos se distinguiam não pela conformação externa a determinados

rituais, e, sim, por estarem em companhia de Jesus, participando, desse modo, de Sua doutrina. (ver. João 18:19.)

A SABEDORIA ERA ADQUIRIDA NA PRESENÇA DE JESUS

Foi em virtude desse companheirismo com Cristo que os discípulos puderam “...conhecer os mistérios do reino de Deus...” (Lucas 8:10). O conhecimento era obtido mediante a associação, antes de ser entendido pela explicação. Isso jamais foi tão bem expresso como na ocasião em que um dos discípulos indagou: “... como saber o caminho?”, o que refletia a sua frustração, ante o pensamento da santa Trindade. E foi então que Jesus replicou: ‘eu sou o caminho, e a verdade, e a vida...” 9João 14:5,6), o que equivalia a declarar que o ponto já fora respondido, contanto que os discípulos abrissem os olhos para a realidade espiritual encarnada no meio deles.

Essa metodologia simples se revelou, desde o começo, pelo convite de Jesus aqueles homens a quem queria conduzir. João e André foram convidados, “Vinde, e vede” (João 1:39), em relação ao lugar onde Jesus morava. Nada mais foi dito, de conformidade com o registro sagrado. Pois, realmente, que mais era preciso ser dito? Na casa de Jesus poderiam falar mais, vendo, intimamente e em particular, a Sua natureza e o seu trabalho. Filipe foi chamado essencialmente da mesma maneira: “Segue-me (João 1:43). Evidentemente impressionado por essa abordagem simples, Filipe o Mestre: “Vem, e vê” (João 1:46). Um sermão vivo vale cem explicações. Mais tarde, quando, Tiago, João, Pedro e André foram encontrados a emendar suas redes de pesca, Jesus lembrou-os acerca das mesmas palavras familiares: “vinde após mim...” e eu vos farei pescadores de homens” (Marcos 1:17; conf Mateus 4:19; Lucas 5:10). Por semelhante modo, Mateus foi chamado da coletoria onde estava trabalhando, com o mesmo convite: “segue-me!” (Marcos 2:14; Mateus 9:9 e Lucas 5:27).

O PRINCÍPIO OBSERVADO

Contemple a tremenda estratégia em tudo isso. Ao corresponderem afirmativamente à sua chamada inicial, os

crentes como que se matriculavam na escola do Mestre, onde a compreensão deles seria ampliada e onde sua fé seria confirmada. Certamente havia muitas coisas que aqueles homens não compreendiam – coisas que eles mesmos reconheceram abertamente, enquanto conversavam com ele; mas todos esses problemas puderam ser abordados, enquanto seguiram a Jesus. Na presença Dele puderam aprender tudo quanto precisavam saber.

Esse princípio, que fica subentendido desde o início, recebeu expressão articulada mais tarde, quando Jesus selecionou doze homens, dentre o círculo maior de Seus seguidores, “... para estarem com ele e para os enviar a pregar...” (Marcos 3:14; conf. Lucas 6:13). Naturalmente que Jesus acrescentou que haveria de enviá-los “... a pregar, e a exercer a autoridade de expelir demônios”, mas com freqüência nos olvidamos do que foi dito em primeiro lugar. Jesus deixou claro que antes daqueles homens poderem “pregar” ou “expulsar demônios”, deveriam “estar com ele”. De fato, essa nomeação pessoal, para se manterem em associação constante com Cristo, fazia parte de sua comissão de ordenação tanto quanto a autoridade de evangelizarem. Com efeito, naqueles primeiros dias isso se revestia ainda de maior importância, pois uma coisa era a preparação necessária para a outra.

MAIS ÍNTIMOS QUANDO O TREINAMENTO TERMINAVA

A determinação com que Jesus procurava cumprir a sua missão, tornar-se patente quando lemos as narrativas subseqüentes dos evangelhos, contrariamente ao que se poderia esperar, quando o ministério de Cristo entrou no segundo e no terceiro ano de existência, Ele foi dedicando cada vez mais tempo a atenção aos discípulos que escolhera, e não menos.

Com freqüência Ele os levava consigo para algum retiro, em alguma área montanhosa do inteiro, onde Ele era relativamente desconhecido, a fim de evitar a publicidade tanto quanto fosse possível. Fizeram viagens juntos a Tiro e a Sidom, para o noroeste (ver Marcos 7:24; Mateus 15:21); para o “...território de Decápolis...” (Marcos 7:31; conf. Mateus

15:29); e também para as "... regiões de Dalmanuta", que ficavam a sudeste da Galiléia (marcos 8:10; conf. Mateus 15:39); e também para as "...aldeias de Cesaréia de Filipe..." (Marcos 8:27; conf. Mateus 16:13), as quais ficavam para o nordeste. Essas jornadas foram eleitas em parte por causa da hostilidade demonstrada por Herodes; mas, primariamente, porque Jesus sentia a necessidade de ficar a sós com os Seus discípulos. Posteriormente Ele passou diversos meses, com os Seus discípulos, na Peréia, a leste do rio Jordão (ver Lucas 13:22 - 19:28; João 10:40 - 11:54; Mateus 19:1 - 20:34; marcos 10:1-52). E segundo foi aumentando a oposição ali, Jesus "... já não andava publicamente entre os judeus, mas retirou-se para uma região vizinha ao deserto, para uma cidade chamada Efraim; e ali permaneceu com os discípulos' 9joão 11:54). Quando, finalmente, chegou o tempo para ele dirigir-se a Jerusalém, mui significativamente, Ele "... chamou à parte os doze...", do descanso que tivera com eles, e partiu lentamente para aquela cidade (Mateus 20:17; conf. Marcos 10:32).

Em face disso, não é surpreendente que, durante a semana da paixão, Jesus quase não tenha permitido aos discípulos saírem de debaixo de suas vistas. Até mesmo quando orou sozinho no Getsêmani, os seus discípulo estavam apenas à distancia de um lance de pedra (ver Lucas 22:41). Não é assim que acontece com todas as famílias, quando é chegada a hora da separação? Cada minuto é desfrutado, por causa da consciência crescente de que essa associação íntima, na carne, logo não mais continuara. As palavras proferidas sob essas circunstancias são sempre as mais preciosas. Na realidade, não foi senão quando o tempo começou a chegar ao fim que os discípulos de Cristo ficaram preparados para aprender muito da significação mais profunda de sua presença no meio deles (ver João 16:4). Sem duvida isso explica por que os escritores dos evangelhos foram constringidos a devotar tanto de sua atenção aqueles últimos dias. Uma metade inteira de tudo ficou registrado a respeito de Jesus, aconteceu nos últimos meses de sua vida terrena, e, disso, a maior parte concerne a ultima semana.

O caminho seguido por Jesus, durante toda a sua vida terrena, foi supremamente retratado nos dias que se seguiram

a sua ressurreição. O que se reveste de interesse especial, aqui, é que cada uma das dez aparições de Cristo, após a sua ressurreição, foi para os Seus seguidores, particularmente aos apóstolos escolhidos. Até o ponto demonstrado pelas Escrituras, nem uma única pessoa incrédula teve o direito de ver o Senhor glorificado. Contudo, isso não é por demais estranho. Pois não havia necessidade alguma de excitar as multidões? Mas os discípulos, que haviam fugido em desespero, logo em seguida à crucificação, necessitavam de ter a sua fé revitalizada e confirmada a sua missão ao mundo. Todo o ministério de Jesus, portanto, girou em torno dos discípulos.

E assim, realmente, sucedeu. O tempo que Jesus investiu naqueles poucos discípulos, comparativamente falando, foi tanto mais amplo ao tempo que Ele se dedicou aos outros homens, que isso só pode ser reputado como uma estratégia deliberada. Na realidade Ele passou mais tempo com os Seus discípulos do que com todos. Comia com eles, dormia junto com eles, conversava com eles, durante a maior parte de todo o Seu ativíssimo ministério. Andaram junto ao longo de estradas solitárias; visitaram as cidades apinhadas, todos juntos; velejaram e pescaram juntos no mar da Galiléia; oraram juntos nos desertos e nos montes; e adoraram juntos na sinagoga e no templo.

CONTUDO, MINISTRAVA ÀS MASSAS

Não nos devemos esquecer, entretanto, que até mesmo enquanto ministrava a outros, Jesus era sempre acompanhado pelos seus discípulos. Quer Ele dirigisse a palavra às multidões que O cercavam, quer conversasse com os escribas e fariseus que procuravam apanhá-los em alguma armadilha, ou quer falasse a algum esmoler solitário à beira da estrada, os discípulos sempre estavam por perto, observando e ouvindo. Dessa maneira, o tempo de Jesus pagava duplos dividendos. Sem negligenciar o Seu ministério regular para os que estavam em necessidade. Ele mantinha um ministério constante para com os discípulos, que permaneciam ao seu lado. Dessa forma, aproveitavam o benefício de tudo quanto

Ele dissesse e fizesse aos outros, além das explicações pessoais e dos conselhos que Ele lhes desse.

ISSO EXIGE TEMPO

Essa associação íntima e constante, naturalmente, significou que Jesus, para todos os efeitos práticos, não tinha tempo para dedicar aos seus familiares. Tal como as criancinhas que necessitam dos cuidados permanentes de seus progenitores, assim também os discípulos estavam sempre aos pés do Mestre. Até mesmo os períodos que Ele escolheu para retirar-se com o fito de entregar-se às suas devoções particulares, estavam sujeitos às suas devoções particulares, estavam sujeitos às interrupções devidas às necessidades dos discípulos (ver Marcos 6:46-48; conf. Lucas 11:1). Mas Jesus não queria que as coisas fossem diferentes. Queria realmente estar com eles. Eles eram os seus filhos espirituais (ver Marcos 10:17 e João 13:13), e a única maneira de um pai criar apropriadamente os seus filhos é estar com eles.

O ALICERCE DO “ACOMPANHAMENTO”

O “acompanhamento” são os cuidados que devemos ter para com os recém-convertidos à fé evangélica. Nada é mais óbvio do que a aplicação desse princípio, e, no entretanto, nada é tão totalmente negligenciado. Por sua própria natureza, esse estágio do trabalho evangelístico não chama nossa atenção para ele mesmo; e é por isso que nos inclinamos por esquecê-lo completamente. No entanto, Jesus não queria que os Seus discípulos perdessem essas bênçãos. Durante os últimos dias de sua jornada, o Mestre sentiu especialmente necessário cristalizar, no pensamento dos discípulos, o que Ele viera fazendo.

Por exemplo, de certa feita, voltando-se para aqueles que O tinham seguido durante três anos, Jesus declarou: “... e vós também testemunhareis, porque estais comigo desde o princípio” (João 15:27). Sem qualquer fanfarra, e de maneira imperceptível para o mundo, Jesus declarava que vinha

treinando aqueles homens, para serem Suas testemunhas, depois que Ele mesmo houvesse partido; e o método que Ele escolheu para tanto foi simplesmente de “estar com eles”. De fato, segundo Ele esclareceu em outra oportunidade, foi porque eles haviam “permanecido” com Ele nas suas tentações, que haviam sido nomeados líderes de Seu reino eterno, onde cada um deles poderia comer e beber à sua mesa, sentando-se em tronos, a fim de julgarem às doze tribos de Israel (ver Lucas 22:28-30).

Seria errôneo supor, todavia, que esse princípio de “acompanhamento” pessoal se confinou exclusivamente ao grupo apostólico. Jesus concentrou os Seus esforços sobre esses poucos homens selecionados; mas, em grau menor e variegado, Ele manifestou a mesma preocupação pelos seus demais seguidores. Por exemplo, Ele foi à casa de Zaqueu, após a conversão deste na estrada de Jericó (ver Lucas 19:7), e passou algum tempo com ele, antes de partir da cidade. Após a conversão da mulher, à beira do poço de Samaria, Jesus demorou-se dois dias extras, em Sicar, a fim de instruir aos homens daquela comunidade que “...crerem nele, em virtude do testemunho da mulher...”; e então, por causa dessa associação com esse habitantes, “...muitos outros creram nele...”; e isso não tanto devido ao testemunho da mulher, e, sim porque eles mesmos tiveram oportunidade de ouvir ao Mestre (João 4:39-42). Com frequência, quem recebesse alguma ajuda da parte do Mestre, tinha permissão de acompanhar ao cortejo dos seguidores de Jesus, o que fica exemplificado nos casos de Bartimeu (ver Marcos 10:52, Mateus 20:34, Lucas 18:43) e de outros. Dessa maneira, muitos se ligaram à companhia dos apóstolos, o que fica evidenciado pelo fato de terem sido enviados setenta discípulos, no ministério posterior na Judéia (ver Lucas 10:1,17). Todos esses crentes receberam alguma atenção pessoal da parte de Jesus, embora essa não pudesse comparar com a outorgada aos doze apóstolos.

Também deveríamos mencionar aquele exíguo grupo de mulheres fiéis, as quais ministravam a Jesus com os seus bens, à semelhança de Maria e Marta (Ver Lucas 10:38-42), Maria Madalena, Joana, Susana, “...e muitas outras...” (Lucas 8:1-3). Algumas dessas mulheres estiveram por perto de Jesus

até o fim. Certamente Ele não rejeitava essa graciosa gentileza e, com frequência aproveitava a ocasião para ajudá-las em sua fé. Não obstante, Jesus estava perfeitamente cômescio da barreira do sexo, e apesar de acolher, a assistência delas, nunca tentou incorporar aquelas mulheres na companhia sele de Seus discipulos escolhidos. Existem limitações nesse tipo de “acompanhamento”, que somos forçados a reconhecer.

Mas, mesmo desconsiderando nós as regras do que era apropriado, Jesus não dispunha de tempo suficiente para dedicar atenção constante e pessoal a toda essa gente, homens e mulheres. Ele fazia tudo quanto estava no seu alcance, e não resta dúvida que isso impressionou profundamente aos Seus discipulos sobre a necessidade de cuidados pessoais para com os novos convertidos; todavia, Ele tinha de dedicar-se primariamente à tarefa de desenvolver alguns homens, que, por sua vez, pudessem dedicar o mesmo tipo de atenção a outros.

A IGREJA COMO COMUNHÃO CONTÍNUA

Na realidade, o problema inteiro da dedicação de atenção pessoal a cada crente individual, só pode ser resolvido mediante a compreensão completa da natureza e da missão da Igreja. Compete-nos, neste ponto, notar que os princípios eclesiásticos observados por Jesus, mediante os quais cada crente é posto em comunhão permanente com todos os demais, era a mesma pratica, embora em dimensões mais amplas, daquilo que Ele praticava com os doze. Realmente, era a igreja que servia de instrumento para que Jesus pudesse “acompanhar” aqueles que O seguiam. Em outras palavras, o agrupamento dos crentes se tornou no corpo de Cristo; e, nessa qualidade, os seus membros ministravam uns aos outros, individual e coletivamente.

Cada membro da comunidade da fé tinha um papel a desempenhar nesse ministério. Mas isso eles só podiam fazer na medida em que eles mesmos estivessem treinados e inspirados. Enquanto Jesus esteve com eles na carne, sempre foi o Líder; porém, depois da Sua partida, seria necessário que os membros treinados da Igreja assumissem a liderança. Isso,

por sua vez, significava novamente que Jesus foi forçado a treiná-los para essa tarefa, e que isso envolvia a sua associação constante e pessoal com alguns poucos homens selecionados.

NOSSO PROBLEMA

Quando é que a Igreja aprenderá essa lição? A prédica às multidões, embora necessária, jamais será suficiente para a obra da preparação de líderes para o evangelismo. Por semelhante modo, os cultos de oração e as aulas de treinamento para obreiros evangélicos jamais conseguiram cumprir essa tarefa. E isso porque edificar a uma pessoa na fé não é tarefa fácil. Requer atenções pessoais constantes, tais como aquelas que um pai dá aos seus próprios filhos. Ora, isso é algo que nenhuma organização ou sala de aula poderá conseguir. Os filhos não podem ser criados por procuração. O exemplo deixado por Jesus deveria ensinar-nos que essa tarefa só pode ser realizada por indivíduos que permaneçam ao lado daqueles a quem buscam liderar.

Não há que duvidar que a Igreja tem fracassado nesse ponto, e fracassado tragicamente. Nas Igrejas, muito se fala sobre o evangelismo e a necessidade de disciplina cristã; mas pouco interesse se mostra pela associação pessoal, quando é evidente que esse trabalho de evangelismo envolve o sacrifício da indulgência e da liberdade pessoais do líder evangélico. Naturalmente que a maioria das igrejas evangélicas insiste em trazer novos convertidos ao seu seio através de alguma espécie de classe de confirmação, a qual usualmente se reúne uma hora por semana, por mês, ou coisa parecida. Porém, durante todo o resto do tempo, os recém convertidos não tem qualquer contacto com algum programa evangélico de treinamento definido, exceto quando freqüentam os cultos de adoração na igreja, ou as aulas da Escola Dominical.

Todavia, a menos que os novos convertidos, se realmente são salvos, tiverem pais ou amigos que preencham esse hiato de maneira eficaz, são deixados inteiramente ao abandono, para descobrirem as soluções a inumeráveis problemas

práticos com que tem de defrontar-se na vida diária, qualquer um dos quais poderia significar o desastre para a sua fé.

Havendo tão titubeante “acompanhamento” aos novos convertidos, por parte dos líderes evangélicos, não admira que cerca de metade daqueles que fazem profissão de fé e unem-se à igreja, eventualmente se desviam ou perdem o ardor da experiência cristã, e que um número ainda mais reduzido cresça suficientemente no conhecimento e na graça, para que sejam de utilidade real no serviço do reino de Deus. Se os cultos de domingo e as aulas de Escola Dominical para os membros, são tudo que as igrejas locais tem a oferecer para desenvolver os novos convertidos em discípulos maduros, então essas igrejas estão derrotando sua própria finalidade, por contribuírem para uma falsa segurança; e se os novos convertidos seguirem esse mesmo exemplo preguiçoso, isso, finalmente, lhes fará mais mal do que bem. Porquanto simplesmente não há substituo pata nos pormos em contacto com as pessoas, e é ridículo imaginar que qualquer coisa menos do que isso, a não ser um autentico milagre, possa desenvolver poderosos líderes evangélicos. Afinal de contas, se Jesus, o Filho de Deus, descobriu ser necessário permanecer quase continuamente com alguns apenas de seus discípulos, pelo período de três anos, e se apesar disso um deles se perdeu, como poderia uma igreja local esperar cumprir essa tarefa com um método que consiste em reunir-se apenas poucos dias durante o ano inteiro?

O PRINCIPIO APLICADO HOJE EM DIA

É obvio que a norma seguida por Jesus, neste particular, ensina-nos que sem importar o método de “acompanhamento” adotado por uma igreja local, precisa ter como base preocupação de ser guardiã pessoal daqueles que forem confiados a seus cuidados. Agir de outra forma equivale, literalmente, a abandonar os novos crentes ao diabo.

Isso significa que é mister que de descubra alguma sistema mediante o qual cada convertido tenha um amigo crente a seguir, ate o tempo em que, pó sua vez, possa guiar a outrem. O conselheiro deve permanecer junto ao novo

convertido tanto quanto lhe for possível, estudando a Bíblia e orando com ele, ao mesmo tempo que responde às suas perguntas, esclarece a verdade e que, juntamente, conselheiro e liderado procurem ajudar a outros. Se uma igreja local não dispõe de conselheiros que se disponham a realizar esse serviço, então deve começar a treinar homens e mulheres crentes para esse mister. E a única maneira de treiná-los é dar-lhes um líder para seguirem.

Isso responde indagação: “como se deve fazer isso?” todavia, é necessário compreendermos, agora, que esse método só pode atingir as suas finalidades quando os seguidores puserem em pratica aquilo que forem aprendendo. Portanto, devemos considerar e compreender ainda um outro princípio básico da estratégia do Mestre.

3. CONSAGRAÇÃO

ELE EXIGIA OBEDIÊNCIA

Jesus esperava que os homens que o acompanhavam lhe fosse obedientes: não requeria que fosse espertos, mas tinham de ser leais. E isso se tornou o sinal distintivo dos discípulos, mediante o qual poderiam ser conhecidos. Eles foram chamados de Deus “discípulos”, i que significava que eram “aprendizes” ou “alunos” do Mestre. Não foi senão muito mais tarde que passaram a ser designados pelo nome de “cristão” (ver Atos 11:26), embora isso fosse inevitável, porquanto, com a passagem do tempo, os seguidores obedientes invariavelmente assumem o caráter de seu líder.

A simplicidade desse método de abordagem é maravilhosa se não mesmo atordoante. Nenhum dos discípulos foi solicitado, a principio, a fazer qualquer declaração de fé ou a aceitar algum credo bem definido, embora sem duvida já estivessem reconhecido que Jesus era o Messias prometido (ver João 1:41, 46, 49 e Lucas 5:8). Por enquanto, tudo quanto lhes foi pedido é que seguissem a Jesus. Naturalmente que nesse convite inicial esta subentendida uma chamada à confiança na pessoa de Cristo, bem como obediência à sua Palavra. Ainda que isso não tivesse sido compreendido no principio, certamente passou a ser percebido, ao continuarem a acompanhar o Mestre. Pois ninguém tomará o passo da fé com sinceridade, a menos que esteja pronto para obedecer ao que p líder venha a dizer.

O CAMINHO DA CRUZ

Seguir a Jesus pode ter parecido fácil a principio, mas isso é porque ainda não o haviam seguido por muito tempo. Logo se tornou patente que ser discípulo de Cristo envolvia muito mais do que a jubilosa aceitação da promessa messiânica: significava a rendição da própria vida, em todos os

seus aspectos, ao Mestre, em absoluta submissão ao Seu senhorio. Não poderia haver nem um outro compromisso. “Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de aborrecer-se de um e amar ao outro; ou se devotará a um e desprezará ao outro. Não podereis servir a Deus e às riquezas” (Lucas 16:13). Tinha de haver total abandono do pecado. Os antigos modos de pensar, os hábitos e os prazeres do mundo, teriam de conformar-se às novas disciplinas do reino de Deus (ver Mateus 5:1 – 7:29; Lucas 6:20-49). Agora a perfeição do amor seria o único padrão de conduta (ver Mateus 5:48), e esse amor deveria manifestar-se em termos de obediência a Cristo (ver João 14:21, 23), expresso na devoção daqueles por quem ele morrera a fim de salvá-los (ver Mateus 25:31-36). Havia uma cruz no discipulado – a auto negação voluntária, em favor de outrem (ver Marcos 8:34-38; 10:32-45; Mateus 16:24-26; 20:17-28; Lucas 9:23-25; João 12:25, 26; 13:1-20, e outras passagens).

Era um treinamento severo. Não eram muitos os capazes de suportá-lo. As multidões gostavam de ser consideradas seguidoras de Jesus quando Ele lhes enchia o estomago de pão e de peixe; porém, quando Jesus começava a falar acerca das verdadeiras qualidades espirituais do reino de Deus e do sacrifício necessário para serem alcançadas (ver João 6:25-29), houve a ocasião em que muitos de Seus próprios discípulos “...o abandonaram e já não andavam com ele” (João 6:66). Segundo eles mesmos declararam: “duro é este discurso; quem o pode ouvir?” (João 6:60). O mais surpreendente de tudo é que Jesus não saiu correndo atrás deles, para tentar trazê-los de volta ao rol de membros de Seus seguidores. Jesus estava treinando líderes para o reino; e, se estes tivessem de ser vasos úteis para o serviço, teriam de pagar o preço.

Portanto, aqueles que não dispusessem a percorrer o caminho todo, terminavam por ficar prostrados à beira da estrada. Separavam-se do próprio grupo que eles haviam escolhido, por motivo de seu egoísmo. Judas, que finalmente foi desmascarado como um demônio (ver João 6:70), conseguiu manter-se quase até o fim; até que, finalmente, a sua cobiça acabou por apanhá-lo (ver Marcos 14:10, 11, 43, 44; Mateus 26:14-16, 47-50; Lucas 22:3-6, 47-49; João 18:2-9). Simplesmente era impossível a alguém seguir a Jesus,

através da reta vereda de sua vida, sem desprender-se totalmente deste mundo; e aqueles que apenas fingiam tê-lo feito, só atraíam angustia e tragédia contra as suas próprias almas (ver Mateus 27:3-10; Atos 1:18,19).

Talvez por esse motivo é que Jesus dirigiu-se com tanta severidade ao escriba que veio a Ele e lhe disse: “Mestre, seguir-te-ei para onde quer que fores”. Jesus referiu-se com franqueza, aquele aparente voluntário para o serviço, que isso não seria fácil. “as raposas tem seus covis e as aves do céu ninhos; mas o filho do homem não tem onde reclinar a cabeça” (Mateus 8:19, 20; Lucas 9:57, 58). Um outro discípulo quis desculpar-se ante sua imediata à obrigação de obediência, a fim de cuidar de seu idoso progenitor, mas Jesus não permitiu qualquer demora da parte dele: “Segue-me, e deixa aos mortos o sepultar os seus próprios mortos”, disse Jesus (Mateus 8:21, 22 e Lucas 9:59, 60). Outro individuo indicou que seguiria a Jesus, mas de acordo com suas próprias condições. Queria primeiramente despedir-se de seus familiares, talvez antecipando um período de regozijo em companhia deles. Mas Jesus corrigiu imediatamente essa idéia, dizendo: “Ninguém que, tendo posto a mão no arado, olha para trás, é apto para o reino de Deus” (Lucas 9 :62). Jesus não dispunha do tempo e nem tinha o desejo de diluir os seus esforços entre aqueles que quisessem estabelecer as suas próprias condições para serem discípulos seus.

Por essa razão é que um candidato ao discipulado foi convidado a calcular o custo. “Pois, qual de vós, pretendendo construir uma torre, não se assenta primeiro para calcular a despesa e verificar se tem os meios para a concluir?” (Lucas 14:28). Não preparar-se com esse calculo equivalia a convidar o ridículo ante os olhos do mundo, posteriormente. Outro tanto de daria com um rei em guerra que não considerasse o preço da vitória, antes do começo das hostilidades. Sumariando tudo de modo franco e aberto, disse Jesus: “Assim, pois, todo aquele que dentre vós não renuncia a tudo quanto tem, não pode ser meu discípulo” (Lucas 14:33; conf. Marcos 10:21; Mateus 19:21 e Lucas 18:22).

POUCOS QUEREM PAGAR O PREÇO

Na realidade, quando os oportunistas deixaram de segui-lo, em Cafarnaum, porque Ele não quis satisfazer as expectativas populares, Jesus ficou apenas com um pequeno punhado de seguidores. Voltando-se então para os doze, perguntou-lhes: “Porventura quereis também vos outros retirar-vos?” (João 6:67). Foi uma pergunta crucial. Se aqueles últimos homens deixassem de segui-lo, que restaria do ministério de Jesus? Mas Simão Pedro replicou: “Senhor, para quem iremos? Tu tens as palavras da vida eterna; e nós temos crido e conhecido que tu es o santo de Seus” (João 6:68, 69). Verdadeiramente, essas palavras do apóstolo Pedro devem ter servido de grande consolo para o Mestre, pois dali em diante Jesus começou a falar de seus discípulos mais abertamente a respeito de seus sofrimentos e de sua morte, com muito maior franqueza do que antes.

OBEDECER É APRENDER

Isso não significa, entretanto, que os discípulos tivessem entendido imediatamente tudo quanto o Senhor lhes dizia. Longe disso. Sua capacidade em apreender as verdades mais profundas do ministério vicário do Senhor era anuviada por todas as limitações da debilidade humana. Quando, após a grande declaração de Pedro, em Cesaréia de Filipe, Jesus disse aos discípulos que seria morto pelos líderes religiosos de Jerusalém, Pedro chegou a repreender a Jesus, dizendo-lhe: “Tem compaixão de ti, Senhor; isto de modo algum te acontecerá” (Mateus 16:22; conf. Marcos 8:32). Em face dessas palavras, Jesus teve de retrucar ao grande pescador que Satanás o enganaria nesse ponto: “...porque não cogitas das coisas de Deus, e, sim, das dos homens” (Mateus 16:23; Marcos 8:33). Mas isso não pos ponto final à questão. Por muitas e muitas vezes Jesus se viu constrangido a falar sobre a sua morte e na significação disso para os discípulos; porém, essa verdade não foi facilmente compreendida, até o dia em que Ele foi entregue nas mãos de seus adversários.

Não tendo compreendido ainda claramente a mensagem da cruz, naturalmente que os discípulos tropeçaram a

princípio, não entendendo a sua própria posição no seio do reino de Deus. Para eles era difícil aceitar o ensino de uma humilde servidão em favor dos outros (ver Lucas 22:24-30; João 13:1-20). E ficavam porfiando entre si para saber quem seria o maior deles no reino (ver Marcos 9:33-37; Mateus 18:1-5; Lucas 9:46-48). Tiago e João almejavam ocupar posições de proeminência (ver Marcos 10:35-37; Mateus 20:20), e os outros discípulos, exibindo espírito de inveja, ficaram indignados a esse respeito (ver Marcos 10:41; Mateus 20:24). Foram desnecessariamente severos em teu julgamento contra aqueles que não concordavam com eles (ver Lucas 9:51-54). E “reprenderam” aos pais que trouxeram os seus filhinhos a fim de serem abençoados por Jesus (ver Marcos 10:13). É obvio, portanto, que o resultado prático do que significa seguir a Cristo não foi plenamente experimentado pelos discípulos nessa fase inicial.

Contudo, Jesus suportou pacientemente todas essas falhas humanas dos seus discípulos escolhidos, porquanto, a despeito de todas essas deficiências, estavam dispostos a segui-lo. Houve um breve intervalo de tempo, após a chamada inicial aos discípulos, quando voltaram as suas costumeiras atividades de pesca (ver Marcos 1:16; Mateus 4:18; Lucas 5:2-5; conf. João 1:35-42), mas esse retorno não parece ter sido precipitado por qualquer ato de desobediência da parte deles. Simplesmente ainda não haviam percebido o propósito de Cristo sobre as vidas deles, pois estavam sendo preparados para a liderança; ou então ainda não haviam sido informados sobre essa particularidade. Não obstante, desde o tempo em que ele apareceu nos locais onde trabalhavam, solicitando-lhes que o seguissem para se tornarem pescadores de homens, “...deixando tudo, o seguiram” (Lucas 5:11; conf. Mateus 4:22; Marcos 1:20). Mais tarde, embora ainda tivessem muito a aprender, puderam asseverar que a sua consagração a Cristo era autêntica (ver Marcos 10:28; Mateus 19:27; Lucas 18:28). Com tais homens Jesus estava disposto a tolerar muitas coisas que se derivavam da imaturidade espiritual deles. Sabia Cristo que eles ainda haveriam de dominar esses defeitos, à proporção em que fossem crescendo na graça e no conhecimento. A capacidade dos discípulos de apreender a revelação iria crescendo, contanto que continuassem a por em prática toda verdade que já tivessem entendido.

A obediência a Cristo, portanto, era o próprio meio através do qual aqueles que estavam em companhia Dele aprendiam mais e mais da verdade. Jesus não pedia que os discípulos seguissem o que não soubessem ser verdade; mas ninguém podia segui-lo sem aprender o que é a verdade (ver João 7:17). Por esse motivo, Jesus não exortou aos seus discípulos que entregassem as suas vidas a uma doutrina, e, sim, a uma pessoa, que era a materialização dessa doutrina; e somente na medida em que continuassem em sua Palavra é que poderiam conhecer a verdade (ver João 8:31, 32).

A PROVA DO AMOR

De forma suprema, a obediência foi interpretada por Jesus como a grande expressão do amor. Essa lição foi sublinhada de maneira mais enfática na véspera de sua morte. Quando os discípulos se reuniram em volta Dele, no cenáculo, logo depois da refeição pascal, disse Jesus: “Se me amais, guardareis os meus mandamentos... aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama; e aquele que me ama, será amado por meu Pai, e eu também o amarei e me manifestarei a ele... se alguém me ama, guardara a minha palavra; e meu pai o amará, e viremos para ele e faremos nele morada. Quem não me ama, não guarda as minhas palavras; e a palavra que estais ouvindo não é minha, mas do Pai que me enviou... o meu mandamento é este, que vos ameis uns aos outros, assim como e vos amei... vós sois meus amigos, se fazeis o que eu vos mando” (João 14:15, 21, 22, 23; 15:12, 14).

DEMONSTRADA POR JESUS

A obediência à vontade de deus, naturalmente, foi o princípio controlador da própria vida do Mestre. Em sua natureza humana Ele continuamente cedeu julgar á vontade do Pai celeste, o que possibilitou Deus Pai usar a vida de Jesus de forma total, de conformidade com o seu propósito previamente determinado. Por repetidas vezes declarou Jesus: “a minha comida consiste em fazer a vontade daquele que me enviou, e realizar a sua obra” (João 4:34); “O meu juízo é justo porque não procuro a minha própria vontade, e, sim, a

daquele que me enviou” (João 5:30; conf. 6:38); “...assim como também eu tenho guardado os mandamentos de meu Pai, e no seu amor permaneço” (João 15:10; conf. 17:4).

E tudo isso pode ser sumariado no grito que Jesus soltou no jardim do Getsêmani: “...não se faça a minha vontade, e, sim, a tua” (Lucas 22:42; conf. Marcos 14:36; Mateus 26:39, 42, 44). Esse era o princípio que dirigia a vida inteira de Jesus, e assim aconteceu desde o princípio. A cruz foi apenas o clímax coroador de sua entrega ao Pai (ver Hebreus 5:8).

Assim sendo, quando Jesus falou a respeito de Sua obediência, tratava-se de algo que os discípulos podiam ver encarnado em forma humana. Usando as próprias palavras de Jesus: “Porque eu vos dei o exemplo, ara que, como eu vos fiz, façais vos também. Em verdade, em verdade vos digo que o servo não é maior do que seu Senhor, nem o enviado maior do que aquele que p enviou” (João 13:15, 16). Ninguém poderia mal entender essa lição. Tal como Jesus tinha por Sua bênção obedecer a vontade do Pai, por semelhante modo os seus seguidores encontrariam as suas bênçãos. Realmente, esse é o único dever de um servo. Assim aconteceu com Cristo, e nada menos pode jamais ser aceito como digno de Seus discípulos (ver Lucas 17:6-10; conf. 8:21; Marcos 3:35; Mateus 12:50).

O PRINCÍPIO FOCALIZADO

Do ponto de vista da estratégia, no entanto, essa era a única maneira pela qual Jesus podia moldar as vidas dos discípulos conforme a sua Palavra. Não poderia haver desenvolvimento de caráter ou de propósito, nos discípulos, sema obediência. Um pai deve ensinar os seus filhos a obedecê-lo, se quer que os seus filhos sigam suas pisadas.

Também não nos devemos olvidar que Jesus estava preparando homens que liderassem a sua igreja na conquista, e que ninguém pode ser líder enquanto não houver, primeiramente, aprendido a seguir um líder. Por essa razão, Jesus retirou os seus futuros comandantes das fileiras e exercitou-os, por todo o tempo, na necessidade de disciplina e respeito pela autoridade. Não poderia haver insubordinação contra as suas ordens. Ninguém sabia, melhor do que Jesus,

do fato que as forças satânicas das trevas estavam adestrada contra os discípulos, bem organizadas e equipadas, a fim de deixar sem efeito qualquer esforço menos dedicado na área do evangelismo. Não seria possível aos discípulos mostrarem-se mais estudos do que os poderes demoníacos deste mundo, a menos que o aderissem estritamente aquele que era o único que conhecia a estratégia da vitória. Isso requeria obediência absoluta à vontade de Mestre, ainda que significasse o abandono total a tudo quanto era deles.

O PRINCÍPIO APLICADO HOJE EM DIA

Na atualidade torna-se mister aprender essa lição novamente. Não pode haver qualquer procrastinação negligente no tocante às ordens de Cristo. Estamos empenhados em uma guerra, cujos resultados são vida ou morte; e todos os dias em que nos mostramos indiferentes às nossas responsabilidades é um dia perdido para a causa de Cristo. Se já tivermos aprendido nem que seja a verdade mais elementar do discipulado cristão, então já teremos compreendido que fomos chamados para ser servos de nosso Senhor, a fim de obedecermos à sua Palavra. Não faz parte dos nossos deveres raciocinar por que Ele fala desta ou daquela maneira; mas tão-somente cumprir os Seus mandamentos. A menos que haja essa dedicação a tudo aquilo que sabemos a respeito do que Ele quer que façamos agora, ainda que nossa compreensão seja exatamente imatura, é duvidoso que consigamos progredir muito em sua vida e sua missão. No reino de Deus não há lugar para os descuidados, porque essa atitude não somente exclui qualquer desenvolvimento na graça e no conhecimento, mas igualmente destrói qualquer utilidade, no campo de batalha do evangelismo deste mundo, no caso de quem age assim.

Deveríamos indagar por que há tantos crentes professos hoje em dia, atrofiados em seu crescimento espiritual e ineficazes em seu testemunho cristão. Ou, situando essa pergunta em seu contexto mais amplo, por que motivo é que a Igreja contemporânea anda tão frustrada em seu testemunho ao mundo. Não se deve isso ao fato de que tanto entre o clero como entre os leigos, há uma indiferença geral para com os

mandamentos de Deus; ou pelo menos, uma espécie de complacência satisfeita com a mediocridade? Onde está a obediência da cruz? Realmente, até parece que os ensinamentos de Cristo sobre a abnegação e sobre a dedicação foram substituídos por uma modalidade de filosofia de expedientes, que afirma: “Que cada qual faça conforme queria”.

A grande tragédia é que pouquíssimos estão sendo feitos para corrigir essa situação, até mesmo por parte daqueles que percebem tal condição. Não há que duvidar que a necessidade da hora não é de desespero, e, sim, de ação. É chegado o tempo em que as exigências próprias ao discipulado cristão, sejam interpretadas e postas em vigor, por parte dos membros das igrejas evangélicas, em termos do verdadeiro discipulado bíblico. Contudo, isso não será suficiente por si só. Os seguidores precisam de líderes, e isso significa que antes de muita coisa poder ser feita com os membros das igrejas evangélicas, algo terá de ser feito entre os oficiais das mesmas igrejas. E se essa tarefa parece demasiadamente grande, então teremos de começar tal como Jesus fez, fazendo-se acompanhar por alguns elementos selecionados a fim de instilar neles o sentido da obediência.

É quando esse princípio é aceito na prática que nós podemos desenvolver plenamente, de acordo com o próximo passo da estratégia de conquista, planejada pelo Mestre.

4. TRANSMISSÃO

ELE DEU DE SI MESMO

Jesus queria que os seus seguidores lhe fossem obedientes. Mas também percebeu que o Senhor que, ao aprenderem essa verdade, os Seus discípulos haveriam de descobrir a experiência mais profunda com o seu Espírito. E então, ao receberem o Seu Espírito, haveriam de conhecer o amor de Deus por um mundo perdido. Eis por que as Suas exigências no tocante à disciplina foram aceitas sem argumentos. Os discípulos entenderam que não estavam meramente observando a lei, mas estavam respondendo para Aquele que os amara, e que estava disposto a dar a as vida por eles.

A vida de Jesus consistia em dar-se – dar aquilo que o Pai lhe dera (ver João 15:15; 17:4, 8, 14). Ele lhes deu a sua paz, por meio da qual Ele se mantinha em meio à tribulação (ver João 16:33; conf. Mateus 11:28). Ele lhes deu a sua alegria, com a qual Ele labutava em meio a sofrimentos e tristezas que o cercavam por todos os lados (ver João 15:11; 17:13). Ele lhes deu as chaves do Seu reino, que os poderes do hades não poderiam jamais obstaculizar (ver Mateus 16:19; conf. Lucas 12:32). De fato, Ele lhes deu a sua própria glória, que já lhe pertencia antes dos mundos terem sido criados, a fim de que todos pudessem ser um, tal como Ele mesmo era um com o Pai (ver João 17:22, 24). Jesus deu tudo quanto tinha – nada foi negado, nem a sua própria vida.

Assim é o amor. Vive sempre dando de si mesmo. Porém, quando se esquiva e se dobra sobre si mesmo, não é amor. Nesse sentido, Jesus pos claramente em foco, diante dos seus seguidores, exatamente o que significavam as palavras que ele disse: “...Deus amou ao mundo de tal maneira...” (João 3:16). Essas palavras significam que Deus entregou tudo quanto possuía aqueles que amava, incluindo o Seu próprio “Filho unigênito”. Por sua vez, para o filho, em encarnação desse

amor, isso significou a renúncia de seu próprio direito de viver, com o intuito de dar a sua vida em resgate pelo mundo (ver Mateus 20:28).

Somente sob essa luz – quando o Filho é colocado no lugar do mundo – é que podemos começar a compreender a magnitude da cruz. Contudo, nessa percepção, a cruz só pode expressar-se devidamente de forma infinita. Assim como o homem, por causa de seu pecado, tinha de morrer, assim, pois, Jesus orou: “Pai justo, o mundo não te conheceu; eu, porém, te conheci, e também estes compreenderam que tu me enviaste. Eu lhes fiz conhecer o teu nome, e ainda o farei conhecer, a fim de que o amor com que me amaste esteja neles e eu neles esteja” João 17:25, 26).

A OBRA DO ESPÍRITO SANTO

Ninguém imagina, entretanto, que essa modalidade de experiência com Jesus Cristo possa ser engendrada pelo engenho humano. Jesus deixou abundantemente claro que a sua vida só era mediada por meio do Espírito Santo. “O espírito é o que vivifica; a carne para nada aproveita; as palavras que eu vos tenho dito, são espírito e são vida” (João 6:63).

É exatamente por esse motivo que, até mesmo para começar a viver em Cristo, o indivíduo precisa nascer de novo (ver João 3:3-9). A natureza corrompida do homem tem de ser conformada segundo o verdadeiro propósito de Deus, à imagem divina. Por semelhante modo, foi o Espírito que sustentou e nutriu a vida transformada dos discípulos, ao continuarem eles a crescer em conhecimento e graça (ver João 4:14; 7:38, 39). Através da atuação do mesmo Espírito de Deus é que alguém pode ser purificado pela Palavra, ficando separado para o santo serviço de Deus (ver João 15:3; 17:17; conf. Efésios 5:26). Desde o princípio até o fim, experimentar o Cristo vivo, em qualquer forma pessoal, é operação do Espírito Santo.

De igual modo, é somente por intermédio do Espírito de Deus que alguém é habilitado a cumprir a missão redentora do evangelismo. Jesus compreendeu essa verdade desde o

começo, em relação à sua própria obra, ao declarar que tudo quanto fazia, fazia-o em cooperação com o “Espírito do Senhor”. Era por meio da virtude do Espírito que Jesus pregou o evangelho aos pobres, curou os de coração quebrantado, proclamou libertação aos cativos, abriu os olhos aos cegos, expeliu demônios e pos em liberdade os oprimidos (ver Lucas 4:18; Mateus 12:28). Assim sendo, Jesus era Deus em revelação; mas o Espírito Santo era o agente de Deus, que realmente punha em efeito, nos homens, o plano eterno da salvação. Por essa razão é que Jesus esclareceu, aos seus discípulos, que o Espírito haveria de preparar o caminho para o ministério deles. Ele lhes daria as palavras que deveriam falar (ver Mateus 10:19, 20; Marcos 13:11 e Lucas 12:12). Ele convenceria o mundo “...do pecado, da justiça e do juízo” (João 16:8). Ele iluminaria a verdade para que os homens pudessem vir a conhecer ao Senhor (ver Mateus 22:43, conf. Marcos 12:36 e João 16:14). Mediante o poder do Espírito Santo os discípulos, segundo lhes foi prometido, teriam o poder de operar as mesmas obras de seu Senhor (ver João 14:12). Debaixo dessa luz, o evangelismo não foi interpretado de maneira alguma como um empreendimento humano, e, sim, como um projeto divino, que vinha prosseguindo desde o início, e que continuaria até o propósito de Deus ser cumprido. Do princípio ao fim seria uma obra do Espírito. Tudo que os discípulos foram solicitados a fazer foi permitir que o Espírito Santo tivesse as rédeas completas de suas vidas.

OUTRO CONSOLADOR

Do ponto de vista de sua própria satisfação, no entanto, os discípulos precisavam aprender, de forma ainda mais significativa, a relação existente entre o Espírito Santo e a pessoa de seu Senhor, Jesus Cristo. Naturalmente que Jesus reconheceu essa necessidade, e por isso mesmo falou mais especificadamente ainda sobre isso, quando os dias de sua vida na carne chegavam ao fim. Até aquele ponto Jesus sempre estivera em companhia deles. Ele fora o seu consolador, se o professor e seu guia. Em comunhão com Ele, os discípulos haviam recebido encorajamento e forças; com Ele sentiam que tudo estava preste a retornar ao céu. Sob essas

circunstancias, Jesus precisava esclarecer para eles como conseguiram passar em sua presença, depois Dele ir-se para o céu.

Foi por essa altura que Jesus lhes falou sobre o Espírito Santo, designando-o de “outro consolador”, um advogado, alguém que ficaria ao lado deles, uma pessoa que assumiria exatamente o mesmo lugar entre eles, no terreno invisível, que Jesus preencheria na experiência visível da carne (ver João 14:16). Da mesma maneira que Ele lhes ministrara pelo espaço de três anos, agora o Espírito Santo haveria de guiá-los a toda a verdade (Ver João 16:13). Jesus haveria de mostrar-lhes as coisas que ainda aconteceriam (ver João 16:13). O Espírito haveria de ensinar-lhes aquilo de que precisassem saber (ver João 14:12, 13; 16:23, 24). Em suma, Ele glorificaria ao Filho, tomando as coisas pertencentes a Cristo e tornando-as reais aos Seus seguidores (ver João 16:14, 15). O mundo não podia acolher essa verdade, porquanto não conhecia a Jesus; mas os discípulos O conheciam, porque tinha estado com eles; e, na pessoa do Espírito Santo, continuaria a estar com eles para sempre (ver João 14:17).

Não se tratava aqui de uma teoria, de um credo, de algum arranjo de ultima hora. Jesus estava falando de uma promessa que envolvia real compensação pela perda que os discípulos haveriam de sofrer. “Outro Consolador”, exatamente igual a Jesus, haveria de enchê-los com a própria presença do Mestre. De fato, os privilégios que os discípulos haveriam de usufruir, nessa relação mais profunda com o Espírito, eram maiores do que aqueles que tinham conhecido quando Jesus andava com eles, ao longo das estradas da Galiléia. Afinal de contas, em sua carne, Jesus estava limitado a um corpo e a um lugar só de cada vez; ao passo que, no Espírito, essas limitações foram inteiramente removidas. Agora o Senhor poderia estar sempre na companhia dos discípulos; e, literalmente, seria capacitado a jamais deixá-los nem abandoná-los (ver Mateus 28:20; conf. João 14:16). Olhando para a questão, dessa perspectiva, era melhor para o próprio Jesus, uma vez terminada a sua obra, retornar o seu lugar (ver João 16:7).

O SEGREDO DA VIDA VITORIOSA

Não nos é difícil perceber, pois, o motivo pelo qual Jesus esperava que os seus discípulos se demorassem em Jerusalém, até que essa promessa se tornasse uma realidade entre eles (ver Lucas 24:49; Atos 1:4, 5, 8; 2:33). De que outra maneira poderiam eles cumprir a comissão dada por seu Senhor, com júbilo e com tranquilidade interior? Precisavam de uma experiência tão real com Cristo que as suas vidas ficassem tomadas pela sua presença. O evangelismo teria de transformar-se em uma compulsão fervida dentro deles, purificando os seus desejos e orientando os seus pensamentos. Nada menos que um batismo pessoal do Espírito Santo seria suficiente para tanto. O trabalho sobre-humano para o qual haviam sido convocados, requeria uma ajuda sobre-humana – a transmissão de poder vindo do alto. Isso significava que os discípulos, através da confissão de seu orgulho profundamente arraigado e de sua inimizade, em total negação de si mesmo e entrega a Cristo, através da fé teriam de passar por uma experiência nova e refinadora do enchimento do Espírito Santo.

O fato que aqueles homens faziam parte da camada social comum da humanidade, não servia de empecilho de forma alguma. Tão-somente serviu para lembrar-nos do grande poder do Espírito de Deus, que realiza o seu propósito em homens plenamente rendidos ao Seu controle. Afinal de contas, o poder reside no Espírito de Cristo. Não é quem nós somos, mas quem Ele é, que faz toda a diferença.

UMA VERDADE OCULTA AOS INCRÉDULOS

Apesar de tudo, é conveniente mencionarmos uma vez mais que somente aqueles que seguiram a Jesus por todo o caminho vieram a conhecer a glória dessa experiência. Os que seguiam ao Senhor à distância, tal como multidões, bem como aqueles que se negavam obstinadamente a andar na luz de sua palavra, a exemplo dos fariseus, nem ao menos ouviram falar na obra do bendito consolador. Conforme já tivemos ocasião de observar. Jesus jamais lançou as suas perolas diante daqueles que não as queriam.

Essa atitude caracterizou – seu ensino durante toda a sua vida. Jesus, propositalmente, reservou, para seus poucos discípulos escolhidos, e, particularmente, para os doze, os seus ensinamentos mais reveladores (ver Lucas 10:22; Mateus 11:27; conf. 16:17). Realmente, seus olhos e ouvidos eram benditos. Muitos profetas e monarcas haviam desejado ver as coisas que eles viam, e ouvir as coisas que eles ouviam, mas não puderam fazê-lo (ver Mateus 13:16, 17; Lucas 8:9, 10). Essa norma pode parecer-nos estranha, até que nos damos conta, uma vez mais, que Jesus estava deliberadamente investindo tudo quanto tinha naqueles homens de número tão reduzido, a fim de que eles pudessem ser convenientemente preparados para cumprir a tarefa que ele lhes daria.

QUESTÃO DO PRINCÍPIO NA ATUALIDADE

Toda essa questão revolve em torno da pessoa do Mestre. Basicamente, o seu caminho era a sua vida. E outro tanto deve acontecer entre os seus seguidores. Precisamos de sua vida em nós, por intermédio do Espírito Santo, se tivermos de fazer a sua obra e praticar os seus ensinamentos. Qualquer obra evangelística sem isso é destituída de vida e não tem sentido algum. Somente quando o Espírito de Cristo em nós exalta ao filho é que os homens são atraídos ao Pai.

É natural que não possamos dar aos outros algo que nós não possuímos. A própria capacidade de perder a nossa vida, por amor a Cristo, é prova dessa possessão. E também não podemos reter aquilo que possuímos no Espírito de Cristo, ao mesmo tempo em que continuamos guardando esse tesouro. O Espírito de Deus sempre insiste em fazer Cristo conhecido. Aqui está o grande paradoxo da existência – precisamos morrer para nós mesmos, a fim de vivermos para Cristo; e, nessa renúncia a nós mesmos, precisamos nos dedicar ao Senhor, em serviço e devoção a Ele. Esse foi o método de evangelização utilizado por Jesus; o qual, a princípio, foi percebido apenas pelos seus poucos seguidores. Através deles, todavia, haveria de transformar-se no poder de Deus, na conquista do mundo.

A despeito disso, não podemos para neste ponto. Também é necessário que vejamos em nos uma clara demonstração do modo de viver a vida de Cristo. Assim sendo, precisamos entender outro obvio aspecto da estratégia que Jesus usou para com os seus discípulos.

5. DEMONSTRAÇÃO

JESUS MOSTROU-LHES COMO SE DEVE VIVER

Jesus providenciou para que seus discípulos aprendessem a sua maneira de viver diante de Deus e dos homens. O Senhor Jesus reconheceu que não era suficiente atrair pessoas para a sua comunhão espiritual. Os seus discípulos necessitavam de conhecer como a sua experiência era conservada e compartilhada, se isso tivesse de ser perpetuado no evangelismo. Naturalmente que, em certo sentido técnico, a vida precede à ação; todavia, segundo um ponto de vista completamente pratico, vivemos por aquilo que fazemos. É mister que o individuo respire, coma, faça exercícios e trabalhe normalmente, se tiver de desenvolver-se. Sempre que qualquer dessas funções corporais é negligenciada, a vida deixa de existir. E isso explica os grandes esforços enviados por Jesus para fazer os seus seguidores apreenderem os segredos de sua influencia espiritual, a qual precisa ser reputada como um curso deliberado de sua estratégia sem par. Ele sabia o que era importante.

A PRÁTICA DA ORAÇÃO

Consideremos, por exemplo, a vida de oração de Jesus. Sem duvida não foi por acidente que Jesus com freqüência permitiu que os seus discípulos o vissem a conversar com o Pai. Os discípulos podiam perceber a força que Jesus derivava da oração; e embora não pudessem entender perfeitamente tudo quanto estava envolvido, devem ter percebido que essa pratica fazia parte do segredo de sua vida. E note-se que Jesus não forçou os discípulos a aceitarem a lição; pelo contrario, continuou orando ate que os discípulos ficaram tão famintos que pediram ao Senhor que lhes ensinassem o que estava fazendo.

Aproveitando a oportunidade quando ela surgiu naturalmente, Jesus passou a ministrar aos discípulos uma

lição que os seus corações já estavam preparados a receber. Jesus explicou-lhes alguns dos princípios mais fundamentais da oração, e então, antes de haver terminado sua instrução, ilustrou o que queria dizer repetindo aos ouvidos deles uma oração modelo (ver Lucas 11:1-11; Mateus 6:9-13). Alguém poderia pensar que essa prática estava abaixo das possibilidades daqueles discípulos – a idéia de ter de por palavras em seus lábios, para que orassem – mas Jesus não consideraria automática uma questão tão importante quanto essa. Realmente, esses elementares métodos de ensino são freqüentemente necessários para que as pessoas sejam iniciadas nessa disciplina. Orem, sem importar o quanto isso lhes custasse, Jesus estava resolvido a impressionar os seus discípulos com a necessidade e urgência dessa lição.

Dali por diante, Jesus enfatizou a vida de oração, por muitas e muitas vezes, ampliando paulatinamente a sua significação e aplicação, à medida que os discípulos eram capazes de compreender as realidades mais profundas do Espírito de Cristo. Fazia isso parte indispensável do treinamento deles, e ora sua vez, eles teriam de transmitir tal conhecimento a outros. Uma coisa é certa. A menos que eles aprendessem o sentido da oração, e aprendessem como pô-la em prática, de forma coerente, não haveria grandes resultados derivados de suas vidas.

USANDO AS ESCRITURAS

Outro aspecto da vida de Jesus, e que foi vividamente retratado antes os seus discípulos, foi a importância e o emprego das Santas Escrituras. Evidentemente as Escrituras foram empregadas tanto para sustentar a sua devoção pessoal como para conquistar outras pessoas para o caminho da verdade. Geralmente Jesus tomava precauções especiais a fim de impressionar os seus ouvintes com a importância de alguma passagem das Escrituras, e Ele jamais deixou de lançar mão da Bíblia em suas conversas com tais pessoas. Consideradas juntamente, existem pelo menos sessenta e seis referências ao Antigo Testamento, nos registros de seu diálogos com os discípulos, para nada falar sobre as mais de

noventa alusões ao Antigo Testamento em suas conversas com outros indivíduos.

Tudo isso serviu para mostrar aos discípulos que eles, igualmente, deveriam conhecer e usar as Escrituras, em suas próprias vidas. Os princípios da exortação bíblica foram praticados diante deles de forma tão repetida que lhes era impossível deixar de pelo menos aprender algumas das regras básicas da interpretação e da aplicação das Escrituras Sagradas. Outrossim, a capacidade de Jesus em relembrar livremente passagens do Antigo Testamento deve ter impressionado profundamente os discípulos com a necessidade de aprender de memória as Escrituras, permitindo que elas se tornassem a autoridade de seus pronunciamentos.

Em todas as coisas ficou abundantemente claro que a Palavra escrita, nas Escrituras, e a Palavra proferida por Cristo, não estavam em contradição, mas antes, complementavam-se entre si. Aquilo em que Jesus cria, também teria de ser compartilhado pelos discípulos, portanto, as Escrituras, aliadas às próprias declarações de Jesus, tornaram-se para os discípulos a base objetiva de sua fé em Cristo. Por outra lado, ficou claro para eles que se tivessem de prosseguir em sua comunhão, por intermédio do Espírito Santo, depois de sua partida para o céu teriam de permanecer apegados à sua Palavra (ver João 15:7).

SUPREMACENTE CONQUISTADORES DE ALMAS

Através desse método de demonstração pessoal, todo aspecto da disciplina da vida pessoal de Jesus foi entregue como herança aos discípulos, mas o que talvez se revista de mais importância, em vista desse propósito final, é que, durante todo o tempo, Jesus ensinava-lhes como ganhar almas.

Praticamente tudo quanto Jesus disse ou fez, tinha alguma vinculação com o trabalho de evangelização dos discípulos, ou mediante a explanação de alguma verdade espiritual, ou mediante a revelação de como devemos tratar com os homens. Ele não tinha de criar situações próprias ao

ensino; meramente tirava vantagem das oportunidades que surgiam naturalmente. E por esse motivo o Seu ensino parecia perfeitamente realista. De fato, na maioria das ocasiões, os discípulos estavam absorvendo a doutrina de Cristo sem ao menos saberem que estavam sendo treinados para ganhar pessoas, sob condições semelhantes, para Deus.

O PRINCÍPIO EM FOCO

Esta particularidade, a que já fizemos alusão por diversas vezes, não pode ser exageradamente salientada. Jesus dominava de tal maneira o seu ensino que nunca permitiu que o seu método obscurecesse as lições que ministrava. Permitia que a sua verdade chamasse atenção para si mesma, e não chamava a atenção dos ouvintes para a apresentação da verdade. Seu método, quanto a isso, visava ocultar o fato que Ele ao menos tinha um método. Ele mesmo era o seu próprio método.

Tudo isso pode ser difícil de imaginar, nesta época de técnicas profissionais e de estratégias infalíveis. Em certos círculos, até parece que quase não poderíamos avançar sem um manual bem ilustrado ou planta multicolorida, para mostrar-nos o que devemos fazer em seguida. O mínimo que se espera haver entre nós é uma aula sobre como ganhar almas para Cristo. No entanto, por mais estranho que pareça, os discípulos jamais tiveram qualquer daquelas coisas que atualmente consideramos tão essenciais para o trabalho.

Tudo o de que os discípulos necessitavam era de um professor que praticasse, junto com eles, o que Ele esperava que aprendessem. O evangelismo foi vivido diante dos olhos deles, em espírito e quanto à técnica. Observando a Jesus, os discípulos aprenderam tudo quanto está vinculado a essa atividade. Ele os levou a reconhecerem a necessidade inerente a todas as classes de pessoas, bem, como o melhor método de se aproximarem delas. Observaram como Ele atraía as pessoas a si mesmo; como Ele conquistava a confiança delas e lhes inspirava fé; como Ele abria à frente delas o caminho da salvação, convidando-as a tomarem uma decisão. Em todos os tipos de situação, e entre todas as variedades de caracteres

individuais, ricos e pobres, saudáveis e enfermos, amigos e inimigos igualmente, almas em operação. Nada era esboçado em algum quadro negro, numa aula enfadonha, e nada foi escrito em algum manual “Faça sozinho”. O seu método era tão real e prático que as lições surgiam naturalmente.

CLASSES SEMRE EM FUNCIONAMENTO

Esse método operava tanto quanto Ele se dirigia as massas, como quando Ele tratava com indivíduos isoladamente. Os discípulos estavam sempre presentes, observando as palavras e atitudes do Mestre. Se algum método ou abordagem em particular não fossem muito claros, tudo quanto tinham a fazer era pedir que o Mestre lhes desse esclarecimentos. Por exemplo, depois que Jesus contou a história do semeador, aos ouvidos de “...o interrogaram, dizendo: Que parábola é esta?” (Lucas 8:9; conf. Marcos 4:10; Mateus 13:10). Em face dessa indagação, Jesus passou a explicar-lhes, com detalhes, o sentido das analogias usadas nessa ilustração parabólica. De fato, a julga pelo texto impresso, Ele passou três vezes mais tempo explicando a sua história para os discípulos do que passaram dando a lição inicial à multidão (ver Mateus 13:10 -23; Marcos 4:10-25; Lucas 8:9-18).

Quando os discípulos pareciam relutantes em confessar sua perplexidade, então Jesus com frequência tinha de tomar a iniciativa, esclarecendo o problema. A história do jovem rico é um incidente típico. Depois de Jesus ter conversado com ele em termos bastante severos, e que o jovem rico se foi embora entristecido porquanto amava mais às suas riquezas do que ao reino de Deus, Jesus virou-se para os seus discípulos e lhes disse: “Em verdade vos digo que um rico dificilmente entrará no reino dos céus” (Mateus 19:23; conf. Marcos 10:23; Lucas 18:24). “Os discípulos estranharam essas palavras...” (Marcos 10:24). Isso provocou uma prolongada conversa, durante a qual Jesus explicou a razão de seu método no caso daquele homem de boa moral, ao mesmo tempo que se utilizava da oportunidade de aplicar o princípio à própria profissão de fé dos discípulos (ver Marcos 10:24-31; Mateus 19:24-20:16; Lucas 18:25-30).

O método de Jesus, neste caso, foi mais do que um sermão contínuo; foi uma lição objetiva também. Esse foi o segredo da sua influência no ensino. Ele não solicitava a quem quer que fosse que fizesse ou que fosse alguma coisa, sem primeiramente demonstrar o fato na sua própria vida; e assim provava que o ensino funcionava, e também que tinha ligação à missão de sua vida. E isso Jesus era capaz de fazer porque estava constantemente junto aos seus discípulos. Suas aulas de treinamento jamais cessavam. Tudo quanto Ele dizia ou fazia, em realidade era uma aula pessoal; e posto que os discípulos se achassem presentes, observando tudo, praticamente a todo instante estavam aprendendo alguma coisa, durante todo o tempo em que se mantinham despertos.

E de que outro modo poderia ser aprendido o seu caminho? Já representa algo dizermos às pessoas o que queremos, mas é infinitamente melhor mostrar-lhes como fazê-lo. Os homens procuram demonstração, e não explicação.

O PRINCIPIO APLICADO HOJE EM DIA

Quando chegamos a considerar tudo e a tirar uma conclusão, aqueles dentre nós que buscam treinar homens, devem estar preparados para deixá-los que os sigam da mesma maneira que nós seguimos a Cristo (ver I Coríntios 11:1). Nós somos mostruário (ver Filipenses 3:17 e ss; I Tessalonicenses 2:7, 8 e II Timóteo 1:13). Dessa maneira, nossos aprendizes farão aquelas coisas que ouvem e vêem em nós (Filipenses 4:9). Se tolerarmos a passagem de algum tempo, é possível nossa maneira de viver aqueles que estão constantemente conosco.

Precisamos acolher essa verdade em nossas próprias vidas. Não pode haver esquiva nem evasão de nossas responsabilidades pessoais, porquanto devemos mostrar o caminho aqueles a quem estamos treinando. E essa revelação deve incluir a atuação prática na vida das realidades mais profundas do Espírito de Deus. Esse foi o método do Mestre, e nada menos do que isso será bastante para treinar outros a fazerem o trabalho Dele.

Todavia, segundo bem o sabemos, o mero conhecimento não basta. Deve haver um período de ação. Desconsiderar esse privilegio pode anular tudo quanto tiver sido adquirido no processo de aprendizagem. De fato, o conhecimento, quando não é aplicado à vida diária, pode tornar-se numa pedra de tropeço na propagação da verdade. Ninguém compreendeu isso melhor do que o Mestre. Ele estava treinando homens para certa incumbência; e quando já sabiam o bastante par começar, Jesus providenciou para que pudessem por em pratica o conhecimento já adquirido. A aplicação desse principio é tão pronunciada que requer ser considerada como outro aspecto da estratégia de conquista, traçada por Jesus, e que lança mão de homens treinados e espiritualmente alertas.

6. DELEGAÇÃO

JESUS DISTRIBUIU TRABALHO ENTRE OS DÍSCIPULOS

Jesus sempre foi avançado, em seu ministério, até o tempo em que os seus discípulos teriam de substituí-lo em seu trabalho, saindo pelo mundo levando o evangelho da redenção. Esse plano foi deixado progressivamente claro, enquanto os discípulos O seguiam.

A paciência com que Jesus esclareceu esse ponto aos seus discípulos transparece em suas considerações sobre a habilidade deles em aprenderem. Jesus nunca se mostrou prematuro em sua insistência acerca da necessidade de ação da parte de seus discípulos. O primeiro convite feito aos discípulos, para seguirem-no nada dizia sobre a necessidade de saírem a evangelizar o mundo, embora esse fosse o plano de Jesus desde o começo. O método dele consistia em fazer os discípulos participarem de sua experiência, mostrando-lhes como Ele mesmo trabalhava, antes de dizer-lhes qualquer coisa a respeito.

Por outro lado, Jesus não desencorajava as reações espontâneas dos discípulos, de darem testemunho de sua fé. Realmente, Ele parecia deleitar-se com o fato que desejavam conduzir outros ao mesmo conhecimento que já haviam descoberto. André trouxe Pedro, e Filipe encontrou Natanael, ao passo que Mateus convidou seus amigos a um banquete em sua própria casa e Jesus reagiu com júbilo a todas essas novas apresentações. Por semelhante modo, devemos observar que, em diversas oportunidades, Jesus solicitou a certas pessoas que haviam sido ajudadas por seu ministério, que falassem especificadamente a outras pessoas sobre o que haviam recebido da parte dele. Entretanto, em nenhuma dessas primeiras instâncias, o propósito de suas vidas servirem de testemunho constituiu questão de ordem explícita por parte de Jesus.

Jesus também lançou mão de Seus discípulos, de outras maneiras, a fim de ajudarem-no em seu trabalho, tal como o cuidado das tarefas manuais de obter alimentos e de arranjar acomodações para o grupo, enquanto o seguiam. Também permitiu-lhes batizarem as pessoas que fossem despertadas pela sua mensagem (ver João 4:2). For disso, contudo, é bastante notável observarmos que, nos evangelhos, esses primeiros discípulos realmente não fizeram muito mais do que observar Jesus a trabalhar, pelo espaço de mais de um ano. Jesus conservou a visão perante os discípulos, através de suas atividade. E em sua nova chamada a quatro pescadores, Ele lembrou-lhes que, ao seguirem-no, tornar-se-iam pescadores de homem (ver marco 1:17; Mateus 4:19 e Lucas 5:10). Porém, não parece que a principio fizeram muito desse trabalho. Por essa razão, ate mesmo depois de terem sido formalmente consagrados ao ministério, alguns meses mais tarde (ver Marcos 3:14-19; Lucas 6:13-16), continuavam não demonstrando qualquer evidencia de fazerem qualquer trabalho de evangelização por iniciativa própria. Essa observação talvez nos faça mais pacientes com os novos convertidos, que nos seguem.

PRIMEIRA MISSÃO EVANGELISTICA DOS DOZE

Porém, quando Jesus dava inicio ao seu terceiro circuito geral pela Galiléia (ver Marcos 6:6; Mateus 9:35), sem duvida percebeu que era chegado o tempo dos discípulos participarem junto com Ele do trabalho, de maneira mais direta. Já tinham visto o bastante para começarem a agir. Agora precisavam por em prática o que tinham visto o Mestre fazer. “Chamou Jesus os doze e passou a enviá-los de dois a dois...”(Marcos 6:7; conf. Mateus 10:5; Lucas 9:1,2). Tal como a águia ensina os seus filhotes a voarem, empurrando-os do ninho, assim também Jesus empurrou seus discípulos para o mundo, para experimentarem a suas próprias asas.

INSTRUÇÕES SINTETIZADAS

Antes de deixar os discípulos partirem, todavia, Jesus apresentou instruções sintetizadas sobre a missão de que

estavam encarregados. O que Ele lhes disse, nessa ocasião, é por demais importantes neste estudo, porquanto, em certo sentido, Ele esboçou para eles, de forma explicita, o que lhes vinha ensinando implicitamente o tempo todo.

Em primeiro lugar Ele reafirmou o propósito de Deus para com as suas vidas. Competia-lhes irem e "...pregar o reino de Deus e a curar os enfermos" (Lucas 9:1,2; conf. Mateus 10:1; Marcos 6:7). Nada havia de novo nessa comissão, mas serviu para esclarecer mais ainda a tarefa, para a compreensão dos discípulos. Entretanto, suas novas instruções salientaram mais o caráter de urgência da sua tarefa, com o anúncio, feito por Cristo, que "...está próximo o reino dos céus" (Mateus 10:7). E essas instruções também lançaram mais luz sobre o escopo da autoridade dos discípulos, quando foram ensinados a não somente curarem, purificai leprosos, expeli demônios..."(Mateus 10:8).

SEGUINDO O MÉTODO DE CRISTO

O plano de Jesus foi desvendado de maneira ainda mais específica, para os seus discípulos, nas instruções dadas para que descobrissem a pessoa mais digna de cada aldeia ou vila que visitassem, e que ali ficassem durante todo o tempo em que desse prosseguimento à sua obra evangelística na área. "E em qualquer cidade ou povoado em que entrardes, indagai quem neles é digno; e ai ficai ate vos retirardes" (Mateus 10:11; conf. Marcos 6:10 e Lucas 9:4). Em outras palavras, os discípulos foram instruídos a concentrarem seu tempo e seus esforços sobre os indivíduos mais promissores de cada lugarejo, indivíduos que fossem capazes de dar continuação ao trabalho, depois dos discípulos se terem ido para outro lugar. Isso exigia que descobrissem quem era o candidato mais provável para essa missão, antes de começarem a trabalho real das visitas evangelísticas. Enquanto não fosse feito esse contacto, de nada adiantava começar qualquer coisa naquela cidade ou vila.

De fato, se os discípulos não pudessem encontrar qualquer pessoa de acordo com essa qualificação, foram especificamente instruídos a sacudi o pó de seus pés, como

testemunho contra eles. E, nesse caso, “...menos Igor haverá para Sodoma e Gomorra, no dia do juízo, do que para aquela cidade”(Mateus 10:14,15; conf. Lucas 9:5; Marcos 6:11). Esse princípio de estabelecer uma cabeça de ponte em qualquer novo lugar de labor, entrando em contacto com líderes chaves em potencial, que possam dar prosseguimento à obra de evangelização, não é um princípio sem importância. Jesus já experimentara o princípio com os seus próprios discípulos, e agora esperava que eles fizessem outro tanto. Todo o seu plano de evangelismo dependia disso; pelo que também aquelas localidades que não dessem oportunidade aos discípulos de praticarem esse princípio, na realidade só faziam atrair o julgamento às trevas eternas contra si mesma.

ESPERANDO DIFICULDADES

O fato de que alguns homens haveriam de rejeitar o ministério dos discípulos só servia para acentuar a advertência de Jesus sobre o tratamento que os discípulos deveriam esperar da parte dos homens. “E acautelai-vos dos homens; porque vos entregarão aos tribunais e vos açoitarão nas suas sinagogas; por minha causa serei levados à presença de governadores e de reis, para lhes servir de testemunho, a eles e aos gentios” (Mateus 10:17,8).

E isso era apenas natural, posto que “O discípulo não está acima do seu mestre, nem o servo acima do seu Senhor”(Mateus 10:24). Os líderes religiosos dos judeus haviam apodado Jesus de Belzebul, e o que pertenciam à sua família espiritual não poderiam esperar menos abusos (ver Mateus 10:25). Isso equivalia a dizer novamente que o seu caminho era contrário aos padrões aceitos pela sabedoria deste mundo. Por isso mesmo, seriam odiados por todos os homens (ver Mateus 10:22,23). Não obstante, Jesus disse-lhes que “não temessem”; pois Deus jamais os deixaria sós. E embora o testemunho deles envolvesse graves perigos para suas próprias vidas, o Espírito Santo haveria de capacitá-los a enfrentar emergências (ver Mateus 10:20, 21). Não importava o que lhes acontecesse, segundo Jesus lhes garantiu, todo aquele que O confessar diante dos homens, será lembrado perante o Pai celeste (ver Mateus 10:32).

Ninguém pode evitar de impressionar-se com a maneira realista com que Jesus jamais permitiu aos seus discípulos subestimarem o poderio do inimigo, e nem a resistência natural dos homens ao seu evangelho remidor. Não haviam saído à cata de dificuldades. Realmente, a admoestação de Jesus aos discípulos é que fossem “...prudentes como as serpentes e simplices como as pombas” (Mateus 10:16). E essa advertência sublinhava a necessidade de maneiras apropriadas e permanecia de pé o fato que o mundo dificilmente acolheria os discípulos favoravelmente, enquanto estivessem pregando fielmente o evangelho. Por essa razão é que Jesus declarou que os discípulos eram enviados “...como ovelhas para o meio de lobos...” (Mateus 10:16).

UM EVANGELHO DIVISOR

Também é muito significativo que Jesus tenha lembrado os seus discípulos acerca da natureza divisória do apelo evangélico. Não era permitido o compromisso com o pecado, e por esse motivo, qualquer falsa tranqüilidade, baseada em indulgências egoísticas, estaria destinada a ser perturbada pela prédica dos discípulos. Os discípulos de Jesus eram emissários de boa-vontade, enviados para manter o “status quo” da complacência ante o erro. Pelo contrario, instruiu Jesus: “Não penseis que vim trazer paz à terra; não vim trazer paz, mas espada. Pois vim causar divisão entre o homem e seu pai; entre a filha e as mãe e entre a nora e sua sogra. Assim os inimigos do homem serão os da sua própria casa. Quem ama seu pai ou sua mãe mais do que a mim, não é digno de mim; quem ama seu filho ou sua filha mais do que a mim, não é digno de mim; e quem não toma a sua cruz, e vem após mim, não é digno de mim” (Mateus 10:34-38). Se, antes dessa ocasião, os discípulos tinham quaisquer noções acerca de alguma suposta facilidade em seu trabalho, certamente essas noções se evaporavam nessa oportunidade. Os discípulos sairiam a campo com um evangelho revolucionário – quando este fosse obedecido, efetuaría uma modificação revolucionária na sociedade.

UNIDOS A CRISTO

O ponto frisado por Jesus, em todas essas instruções, é que a missão dada aos seus discípulos não diferiria, em princípio ou em método, de sua própria missão. Jesus começou por entregar-lhes a sua própria autoridade e poder para fazerem o seu trabalho (ver Marcos 6:7; Mateus 10:1 e Lucas 9:1), e encerrou essas instruções assegurando aos discípulos que aquilo que estariam fazendo era como se Ele mesmo estivesse agindo. “Quem vos recebe, a mim me recebe; e quem me recebe, recebe aquele que me enviou” (Mateus 10:40; conf. João 13:20). Pense o leitor nessa identidade! Os discípulos seriam os verdadeiros representantes de Cristo, em sua tarefa de evangelização. Tão clara era essa associação que, no dizer de Jesus, se alguém desse a um daqueles pequeninos discípulos, mesmo que fosse um copo de água fria, por ser discípulo de Cristo, tal ato de misericórdia não perderia o seu galardão (ver Mateus 10:42).

DE DOIS A DOIS

Essas foram as instruções que Jesus deu aos seus discípulos. Porém, antes de partirem, Ele os uniu em pares – de dois em dois (ver Marcos 6:7). Sem dúvidas esse plano tinha por intenção prover aos discípulos a companhia necessária para o caminho. Juntos, poderiam ajudar-se uns aos outros; e quando circunstâncias adversas tivessem de vire-lhes ao encontro, conforme certamente aconteceria com frequência, ainda novamente, a preocupação característica do Senhor Jesus pela união.

“Então, saindo, percorriam todas as ladeiras, anunciando o evangelho e efetuando curas por toda parte” (Lucas 9:6; conf. Marcos 6:12). Aquele pequeno grupo de discípulos, finalmente, dava início a um ativo ministério evangélico, encabeçado por eles mesmo.

Naturalmente que isso não servia de desculpa para Jesus negligenciar o seu próprio trabalho evangelístico. O Senhor jamais solicitou a quem quer que fosse a fazer alguma coisa que Ele mesmo não estivesse disposto a fazer. Portanto, quando os discípulos partiram, o Mestre, por semelhante

modo, "...partiu dali a ensinar e a pregar, nas cidades deles" (Mateus 11:1).

A MISSÃO DOS SETENTA

Não muitos meses depois disso, outros "setenta" foram enviados também, igualmente de dois em dois, a fim de darem testemunho sobre o seu Senhor (ver Lucas 10:1). Não se sabe com certeza quem eram esses outros setenta discípulo; mas todas as indicações parecem mostrar que esse segundo grupo incluía os doze discípulos originais. As dimensões do grupo também indicam que, até certo ponto, esse número aumentando se devia às atividades crescentes dos doze, em seu testemunho em favor de Cristo.

Uma vez mais, as instruções ministradas a esse grupo maior de discípulos foram essencialmente as mesmas instruções dadas quando os doze deram mandados a pregar (ver Lucas 10:2-16). Uma adição a essa nova comissão foi o lembrete de que deveriam precedê-lo "...em cada cidade e lugar aonde ele estava para ir" (Lucas 10:1). Em outras palavras, os discípulos seriam precursores de seu Senhor, preparando as coisas para o ministério Dele. Esse detalhe fora impresso na mente e no coração dos discípulos, poucas semanas antes, quando ainda estavam de viagem para a Samaria (ver Lucas 9:52); e por isso não era algo de que já não tivessem conhecimento prévio. Meramente indicou, novamente, que deveriam por em prática aquilo que haviam aprendido ser a estratégia de evangelismo seguida pelo Mestre.

ORDENS APÓS A RESSURREIÇÃO

O princípio que constituiu de determinar tarefas específicas aos discípulos de Jesus foi conclusivamente demonstrado pouco antes do Senhor retornar ao céu, após a sua crucificação e ressurreição. Em pelo menos quatro oportunidades o Senhor veio ao encontro de seus discípulos para dizer-lhes que saíssem e fizessem o seu trabalho. Isso foi mencionado pela primeira vez, aos ouvidos dos discípulos, com a exceção de Tomé, naquele primeiro domingo à noite de

páscoa, quando estavam reunidos no cenáculo. Depois que Jesus exibiu para os seus assustados discípulos as suas mãos e os seus pés marcados pelo cravos (ver Lucas 24:38-40), e depois de ter compartilhado da refeição, em companhia deles (ver Lucas 24:41-43), então lhe disse: “Paz seja convosco! Assim como o Pai me enviou, eu também vos envio” (João 20:21). Com essas palavras, Jesus assegurou novamente aos discípulos a promessa e a autoridade proporcionada pela vinda do Espírito Santo, que os capacitaria a cumprirem o seu trabalho.

Pouco mais tarde, Jesus tomou um quebra-jejum em companhia dos seus discípulos, à beira do mar de Tiberíades; quando então recomendou a Pedro, por três vezes, que alimentasse as suas ovelhas (ver João 21:15-17). Essa admoestação foi interpretada pelo grande pescador como a prova de seu amor ao Mestre.

Em alguma montanha da Galiléia, Jesus anunciou a sua grande comissão, não apenas aos onze discípulos (ver Mateus 28:16), mas igualmente à Igreja inteira, que nessa altura consistia de cerca de quinhentos irmãos (ver I Coríntios 15:6). Foi aquela uma clara proclamação de sua estratégia de conquista mundial. “Toda autoridade me foi dada no céu e na terra. Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do filho e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até a consumação do século” (Mateus 28:18-20; conf. Marcos 16:15-18).

Finalmente, antes de voltar ao Pai, nas alturas, Jesus repassou todos os aspectos da obra, perante os seus discípulos, pela última vez, mostrando-lhes como as coisas teriam de cumprir-se, enquanto Ele estava na companhia deles (Lucas 24:44, 45). Assim, pois, o seu sofrimento e a Sua morte, bem como a sua ressurreição dentre os mortos, ao terceiro dia, estavam, de acordo com um programa previamente traçado (ver Lucas 24:46). Jesus passou então a mostrar, aos seus discípulos que”... em seu nome se pregasse arrependimento para remissão de pecados, a todas as nações, começando de Jerusalém” (Lucas 24:47).

E para que houvesse o cumprimento desses propósitos divinos, os discípulos não desempenhariam menor papel do que o do Mestre. Haveriam de ser instrumentos humanos que anunciassem as boas novas, ao mesmo tempo que o Espírito Santo seria a capacitação divina para que desempenhassem a contento a sua tarefa. “...mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e serei minhas testemunhas tanto em Jerusalém, como em toda a Judéia e Samaria, e até aos confins da terra” (Ato 1:8; conf. Lucas 24:48,49).

O PRINCIPIO É CLARO

É óbvio que Jesus não deixou o trabalho do evangelismo em sujeição às impressões ou conveniências dos homens. Para os seus discípulos tratou-se de uma ordem bem definida, percebida por impulso no início do discipulado deles, mas progressivamente esclarecida, em seus pensamentos, à medida que O foram seguindo até que finalmente foi expressa em termos claros. Ninguém que seguisse a Jesus por muito tempo poderia escapar a essa conclusão. Foi assim então; e assim continua sendo, até hoje.

Os discípulos cristãos são homens enviados – enviados para o mesmo trabalho de evangelização do mundo para o qual o Senhor foi enviado, e por causa do que Ele deu a Sua própria vida. O evangelismo, por conseguinte, não é um acessório opcional em nossas vidas de crentes. Mas é o próprio pulsar de tudo aquilo para o que fomos chamados a ser e a fazer. É a comissão entregue à Igreja que empresta significação a tudo quanto é empreendido em nome de Cristo. Com essa finalidade bem focalizada, tudo quanto for feito e dito terá um glorioso cumprimento no propósito redidor de Deus – instituições educacionais, programas sociais, hospitais, reuniões de qualquer espécie nas igrejas locais – tudo quanto for feito em nome de Cristo terá sua justificação no cumprimento dessa missão.

O PRÍNCÍPIO APLICADO ATÉ HOJE

Não chega, entretanto, fazer disso um ideal. É necessário que receba expressão tangível, por parte daqueles que estão seguindo ao Salvador. A melhor maneira de nos certificarmos que isso está sendo realizado é distribuir tarefas práticas, esperando que essas tarefas sejam cumpridas. Isso lança os homens no trabalho evangelístico, e sempre que já tiverem visto a operação desse princípio, demonstrando na vida de seu dirigente, não haverá razão alguma pela qual a tarefa não possa ser completada. Quando a Igreja acolher essa lição no coração, lançando-se então à obra do evangelismo, então aqueles que se assentam nos bancos logo começarão a movimentar-se em favor de Deus.

Contudo, o fato que alguém começa a trabalhar, não é garantia de que continuará se esforçando nesse sentido. Uma vez que seja vencida a inércia, ainda será necessário continuar movendo-se, e isso na direção certa. Certamente as incumbências dadas por Seus discípulos, pelo menos a princípio, não serviam para isentá-los de sua escola de treinamento. Ainda tinham muito mais a aprender, antes que pudessem ser considerados preparados para a formatura; e enquanto não chegasse o tempo certo, Jesus não tinha intenção alguma de deixá-los fora de sua orientação pessoal. Sua preocupação, quanto a esse particular, foi tão explícita, e o seu modo de cuidar da questão foi tão pronunciado, que é mister que isso seja considerado como um outro aspecto de sua estratégia, que visava a vitória final.

7. SUPERVISÃO

JESUS SUPERVISIONAVA OS DISCIPULOS

Jesus estabeleceu a norma de ouvir os relatórios de Seus discípulos, após as jornadas de serviço deles, a fim de compartilhar com eles dos benefícios de sua experiência, ao fazer as mesmas coisas. Nesse sentido, poderíamos asseverar que o ensino ministrado por Ele as revezava entre a instrução e a incumbência. Sempre que estava em companhia deles, Jesus ajudava-os a compreenderem a razão de alguma ação ou atitude anterior, a fim de prepará-los para alguma nova experiência. Suas perguntas, ilustrações, advertências e admoestações eram calculadas para destacar aquelas coisas de que precisavam saber a fim de cumprirem as tarefas determinadas por Ele, as quais visavam a evangelização do mundo.

De conformidade com isso, não muito depois dos doze discípulos terem sido enviados, eles se reuniram na “...presença de Jesus...” e então “...lhes relataram tudo aquilo quanto haviam feito e ensinado” (Marcos 6:30; Lucas 9:10). Pelas Escrituras, parece que essa reunião foi previamente determinada, pelo que, a excursão inicial dos discípulos, em seu primeiro solo, foi meramente uma tarefa de campo, mediante a qual dariam prosseguimento ao seu treinamento diante do Mestre.

O reagrupamento dos discípulos, após essa jornada evangelística, como é natural, provou-lhes algum repouso necessário, tanto para o corpo como para a alma. No que toca a quanto tempo os discípulos estiveram fora, as Escrituras nada nos adiantam. Talvez tenham estado fora por alguns poucos dias, ou mesmo por uma semana. O elemento tempo não é, neste caso, a coisa mais importante. O que realmente importa conforme nos mostra o registro sagrado, é que depois dos discípulos terem sido enviados a trabalhar, tiveram de

compartilhar de suas experiências, mais tarde, uns com os outros.

Por semelhante modo, depois que os setenta partiram e voltaram, Jesus convocou-os para apresentarem relatório sobre o trabalho feito durante suas visitas. “Então regressaram as setenta, possuídos de alegria, dizendo: Senhor, os próprios demônios se nos submetem pelo teu nome!” (Lucas 10:17). Na missão anterior, da qual haviam participado os doze, nenhuma ação é feita sobre qualquer sucesso espetacular nessa missão; porém, nessa segunda ocasião, os discípulos vinham escudados em um relatório triunfal e arrebatador. É possível que a diferença tenha sido a experiência adicional já adquirida pelos discípulos.

Nada poderia ter infundido maior alegria em Jesus do que isso. Antecipando a vitória que finalmente coroaria os labores dos discípulos, disse Jesus: “Eu via a Satanás caindo do céu como um relâmpago” (Lucas 10:18). “Naquela hora exultou Jesus no Espírito Santo...”, e em seguida elevou a voz a fim de louvar ao Pai, pelo que fora feito (ver Lucas 10:21,22). É para aquele resultado que Jesus vinha trabalhando durante todos aqueles longos meses, e agora estava começando a ver o fruto de seus esforços. Contudo, para mostrar o quanto Jesus se mantinha alerta, para fazer as experiências servirem de veículos para ensinar a verdade, até mesmo nessa oportunidade ele fez um aviso de cautela aos discípulos, contra o orgulho, em suas realizações. Segundo Ele mesmo declarou: “Não obstante, alegrai-vos, não porque os espíritos se vos submetem, e, sem porque os vossos nomes estão arrolados nos céus’ (Lucas 10:20).

REVISÃO E APLICAÇÃO CONTÍNUAS

O que é visão aqui tão vividamente, nessas sessões de verificação, após as jornadas evangelísticas dos discípulos, põe em alto relevo a estratégia de Jesus, durante todo o seu ministério. Enquanto passava em revista alguma experiência dos discípulos, Jesus frisava alguma aplicação prática da mesma, para as suas vidas.

Tomemos, como ilustração, a maneira como Ele respondeu aos esforços fúteis de alguns de seus discípulos, para curarem um menino aflito. Esse incidente foi precipitado enquanto Jesus se achava em companhia de Pedro, Tiago e João, no monte da transfiguração. Durante a ausência de Cristo, os outros discípulos tinham tentado curar um menino possesso por um demônio, que fora trazido pelo próprio pai da criança. O caso, porem, foi grande demais para a fé deles; e quando Jesus regressou, para ver como as coisas estavam correndo, encontrou o desconsolado pai, enquanto a criança era sujeita a um ataque demoníaco diante mesmo dos impotentes discípulos. Naturalmente que Jesus passou a cuidar do menino, mas não deixou em branco a oportunidade de dar aos frustrados discípulos uma lição muito necessária sobre como, através de mais oração e jejum, deveriam ter dependido da fidelidade de Deus (ver marcos 9:17-29; Mateus 17:14-20; Lucas 9:37-43).

Ou, de novo, meditemos sobre a maneira como Ele relembrou o seu próprio desempenho, na multiplicação dos pães para a multidão, a fim de impressionar os discípulos com o seu poder de fazer todas as coisas, ao mesmo tempo que lhes ministrava uma lição vital concernente ao discernimento espiritual (ver marcos 6:30-44; 7:31 – 8:9; 13:21; Mateus 14:13-21; 15:29-38; Lucas 9:10-17; João 6:1-13). Este ultimo episodio ocorreu quando cruzavam o mar da Galiléia, em uma embarcação, imediatamente depois da severa denuncia do Mestre contra a crônica atitude das seitas religiosas de seus dias, que só queriam receber sinais (ver marcos 8:10-12; Mateus 15:39-16:4). Sem duvida alguma sentindo o peso que descera sobre os discípulos, devido o incidente ocorrido do outro lado do lago, voltou-se para os Seus discípulos e lhes disse: “Vede, guardai-vos do fermento dos fariseus e do fermento de Herodes”.

Todavia, os discípulos, sendo espiritualmente embotados, quando ficaram com fome, e não tendo levado no barco senão um pão, pensaram que não poderiam adquirir alimentos daquela gente incrédula, e puseram-se a pensar de onde lhes poderia vir a comida. Percebendo que eles haviam perdido inteiramente de rumo a lição espiritual que Jesus tencionara ensinar com aquela observação, a fim de advertir-los contra a

incredulidade, Jesus afirmou: “Por que discorreis sobre o não terdes pão? Ainda não considerastes, nem compreendestes? Tendes o coração endurecido? Tendo olhos, não vedes? E, tendo ouvidos, não ouviste? Não vos lembrais de quando parti os cinco pães para os cinco mil, quantos cestos cheios de pedaços recolhestes? Responderam eles: doze. E de quando parti os sete pães para os quatro mil, quantos cestos cheios de pedaços recolhestes? Responderam: Sete” (marcos 8:17-20).

Sem a menor dúvida isso lhes trouxe claramente à mente o dia em que os discípulos fizeram as multidões se assentarem na grama, quando então Jesus realizou o milagre da multiplicação dos pães. E isso ocorreu por duas vezes. E os discípulos também se lembraram de como Ele os empregou para distribuírem as provisões, de tal maneira que todos comeram até fartar-se a ponto de serem forçados a recolher os sobejos. Realmente, era uma lembrança vivida, porquanto cada um dos doze tinha um cesto cheio de pedaços quando acabaram. Semelhantemente, lembravam-se de como, naquele outro dia sobraram sete cestos cheios de restos da multiplicação de pães para os quatro mil homens. Em face dessas provas do poder miraculoso de Jesus não poderia haver a menor dúvida acerca de sua capacidade de alimentá-los com seu único pão, se assim se fizesse necessário. “Então entenderam que não lhes dissera que se acautelassem do fermento de pães, mas da doutrina dos fariseus e saduceus” (Mateus 16:12).

Uma das preleções correcionais mais penetrantes do Senhor, depois de alguma atividade dos apóstolos, verificou-se com relação à atitude deles para com outros indivíduos que trabalhavam no testemunho cristão, mas que faziam parte do grupo apostólico. Parece que no decurso de suas viagens haviam-se encontrado com certas pessoas que expulsavam demônios em nome de Jesus; porém, visto que tais pessoas não eram de sua “denominação”, os discípulos repreenderam-nas severamente por causa disso (ver marcos 9:38 e Lucas 9:49). Sem dúvida os discípulos de Jesus sentiram que estavam praticando o que era certo; porém, quando anunciaram a sua atitude ao Mestre, Ele sentiu-se constrangido a desfilar-lhes um extenso discurso a respeito dos perigos de desencorajar qualquer obreiro sincero que

estivesse trabalhando em favor Dele (ver Marcos 9:39-50 e Mateus 18:6-14). “Não proibais” recomendou o Senhor Jesus. “pois quem não ´r contra vós outros, é por vós” (Lucas 9:50). Então, a fim de que o ponto visado se aplicasse ainda mais geralmente a todas as pessoas inocentes, especialmente às crianças, Jesus prosseguiu a fim de dizer: “E quem fizer tropeçar a um destes pequeninos crentes, melhor lhe fora que se lhe pendurasse ao pescoço uma grande pedra de moinho, e fosse lançado no mar” (Marcos 9:42). E ainda: “Assim, pois, não é da vontade de vosso Pai celeste que pereça um só destes pequeninos” (Mateus 18:14).

Em outra excursão, os discípulos encontraram certa resistência à sua atuação, enquanto trabalhavam em certa incumbência que lhes fora dada pelo Senhor, em Samaria. Reagindo impulsivamente, queriam invocar fogo do céu, a fim de destruir aquela gente (ver Lucas 9:51-54). Jesus, entretanto, que estava nas proximidades, “...voltando-se os repreendeu” (Lucas 9:55). E assim, tendo mostrado aos seus discípulos como poderiam solucionar esse tipo de problema, “...seguiram para outra aldeia” (Lucas 9:56).

O PRÍNCIPIO OBSERVADO

Muitas outras ilustrações poderiam ser citadas a fim de mostrar como Jesus supervisionava as ações e as reações de seus discípulos, à proporção que foram enfrentando diversas situações difíceis. Ele se conservava atrás das pegadas deles continuamente, dando-lhes cada vês mais atenção, conforme o seu ministério terreno se aproximava do fim. Jesus não queria que os discípulos descansassem no sucesso ou no fracasso. Sem importar o que fizessem, sempre havia mais a fazer e a aprender. Ele se regozijava ante o êxito deles, mas o alvo de Cristo era nada menos do que a conquista do mundo; e, visando essa finalidade, Ele sempre superintendia os esforços deles.

Nessa instrução dada por Jesus encontramos o treinamento no próprio local de trabalho, e da mais excelente variedade. Jesus permitia que os seus seguidores passassem por alguma experiência ou fizessem alguma observação, e

então Ele usava isso como oportunidade para ensinar alguma lição sobre o discipulado. O fato que os tentavam fazer o trabalho do Senhor, embora talvez falhassem na tentativa, proporcionava-lhes maior consciência de suas próprias deficiências, e isso os deixava mais inclinados a aceitar a correção do Mestre. Outrossim, o encontro dos discípulos com situações da vida real permitia a Jesus destacar o seu ensino, enfatizando necessidades específicas, baseando esse ensino em termos concretos de experiência prática. Toda pessoa sempre aprecia mais a educação depois de ter tido oportunidade de aplicar o que sabe.

O mais importante acerca de toda essa obra supervisória de Jesus é que Ele mantinha os discípulos seguindo em direção ao alvo que estabelecera para eles. Ele não esperava mais na parte dos discípulos do que eram capazes de realizar; porém, esperava o melhor que podiam fazer, e mesmo assim esperava que sempre fossem melhorando em seu rendimento, na medida em que fossem crescendo no conhecimento e na graça. O plano de ensino traçado pelo Senhor Jesus, mediante exemplo, incumbência e verificação constante, era calculado para extrair o que havia de melhor nos discípulos.

O PRINCIPIO APLICADO HOJE EM DIA

Nos dias que correm, não se faz mister uma supervisão menos paciente e nem menos resolvida, por parte daqueles que procuram treinar a outros para o evangelismo. Ninguém deve esperar que o trabalho seja feito meramente porque mostrou a algum obreiro cheio de boa vontade, como realizar a obra, para então enviá-lo escudado apenas em fulgurantes expectativas de resultados. Pois inúmeras emergências poderão surgir, frustrando e desviando o trabalho; e a menos que essas questões sejam abordadas de maneira realista, por pessoas competentes e dotadas de entendimento, o obreiro cristão facilmente pode sentir-se desencorajado e derrotado. Por semelhante modo, muitas experiências da graça, que infundem deleite à alma, precisam ser esclarecidas e aprofundadas, tendo o seu sentido interpretado à luz da missão total de Cristo, para este mundo. Portanto, é crucial que aqueles que estejam empenhados na hora do evangelismo

contem com supervisão e orientação pessoais, ate quando estiverem suficientemente maduros para levar avante o trabalho, sem essa superintendência.

CONSERVANDO CLARA A VISÃO

Também devemos lembrar que o nosso alvo é a conquista do mundo. Não ousaremos permitir que qualquer preocupação capture a nossa estratégia do momento. Por um numero demasiado de vezes uma pessoa é levada somente até o local de serviço e ali deixada, sem maior treinamento ou inspiração do que isso. O resultado disso é que as atividades dessa pessoa passam a se focalizar em uma roda viva de excitação fervida. Não há qualquer desenvolvimento espiritual. A habilidade potencial, residente no obreiro não se desenvolve, e, antes de muito tempo, um líder promissor fica estragado, por ausência de supervisão. O sucesso desaparece às vésperas da vitória. O que antes dava impressão de ser tão bom, torna-se uma pedra de tropeço, quando não pior.

Sem a menor dúvida, muitos de nosso esforços em favor do reino de Deus são dissipados por essa razão. Fracassamos, não tanto porque não tentamos fazer alguma coisa, mas porque permitimos que nossos pequenos esforços se tornem uma desculpa por não estarmos fazendo mais. O resultado disso é que perdemos, por nossa própria culpa, a vantagem de anos de trabalho árduo e de ingentes sacrifícios.

Quando chegaremos a aprender a lição ministrada por Cristo, que nos ensina a não ficarmos satisfeitos meramente com os primeiros frutos daqueles que são enviados a da testemunho? Os discípulos precisam ser conduzidos à maturidade espiritual. Não pode haver substituto para a vitória total, e o nosso campo é o mundo. Não temos sido convocados para sustentar o forte, e, sim, para assaltar as alturas. É debaixo dessa luz que o passo final, na estratégia de evangelização, traçada por Jesus, pode ser compreendido.

8. REPRODUÇÃO

JESUS ESPERAVA QUE OS DISCÍPULOS SE MULTIPLICASSEM

Jesus tinha por intenção que os discípulos produzissem outros discípulos a eles mesmos, que fossem recolhidos do mundo, por intermédio do Espírito Santo, seria multiplicado por muitas vezes, mediante o seu ministério nas vidas de seus discípulos. Por meio deles e de outros, a eles semelhantes, o reino continuaria a expandir-se em círculos concêntricos cada vez maiores, até que as multidões viessem a saber, de alguma forma particular, a oportunidade que lhes era oferecida pelo Mestre. Mediante essa estratégia, a conquista do mundo seria apenas uma questão de tempo e da fidelidade ao seu plano.

Jesus conseguiria insuflar em seus discípulos a estrutura de uma Igreja que desafiaria todos os poderes da morte e do inferno, e que haveria de triunfar sobre eles. O reino começara minúsculo como um grão de mostarda; mas haveria de agigantar-se em tamanho e força até tornar-se "...maior do que as hortaliças..." (Mateus 13:32; conf. Marcos 4:32; Lucas 13:18,19). Ou então, como uma pequena partícula de fermento posta na massa, vai-se expandindo até que a massa inteira fique levada (ver Mateus 13:33). Jesus não esperava que cada pessoa deste mundo viesse a ser salva (porquanto reconhecia, mui realisticamente, a rebeldia dos homens, a despeito da graça divina); contudo, previa o dia em que o evangelho da salvação em seu nome seria proclamado convincentemente a toda criatura. Através desse testemunho, a sua Igreja houvesse de ser arrebatada para tornar-se a Igreja triunfante.

Não seria uma conquista fácil. Muitos crentes haveriam de padecer perseguição e martírio no decorrer da batalha. Contudo, sem importar quão grandes fossem as provações pelas quais as pessoas haveriam de passar, e sem importar quantos conflitos temporais fossem perdidos durante a luta, a

vitória final estava garantida de antemão. A sua igreja, finalmente, haveria de obter a vitória. Nada poderia prevalecer permanentemente contra ela (ver Mateus 16:18).

VITÓRIA ATRAVÉS DO TESTEMUNHO

Essa incrível confiança no futuro se alicerçava no conhecimento de Cristo sobre aqueles que O adoravam no presente. Ele sabia que os seus discípulos haviam aprendido pelo menos a essência de sua glória. Pedro, porta-voz do grupo apostólico, sumariara isso tudo em sua afirmação a Jesus: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo” (Mateus 16:16; conf. Marcos 8:29; Lucas 9:20). Ali estava uma verdade indestrutível, e foi sobre esse fundamento que Jesus previu como a sua vitória seria ganha, ao replicar: “Também eu e digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja” (Mateus 16:18).

A força dessas palavras indica quão significativa é a iniciativa humana na realização desse plano. Sem darmos atenção à excitação causada pelos conceitos eclesiásticos sobre essa passagem, pelo menos concordaríamos que essas palavras de Jesus foram endereçadas a uma pessoa que pessoalmente fizera uma afirmação de confiança em seu Senhor.

Realmente o fato de que Pedro percebeu que o seu Mestre era o próprio filho de Deus não era uma convicção que o apóstolo tivesse criado em si mesmo, conforme também Jesus deixou perfeitamente claro (ver Mateus 16:17). Não obstante, a experiência dessa revelação, em sua “carne e sangue”, e através da expressão fiel desse fato a outros é que a Igreja de Cristo estava destinada a triunfar. Com efeito, como poderia a Igreja parecer? A fé do apóstolo, no Cristo vivo, ficara de tal modo estranhada em sua vida, que se solidificava como uma pedra – a pedra que Pedro reconheceu ser o seu Senhor, a “principal pedra angular”, sobre a qual todos os crentes são “pedras vivas”, na construção de sua Igreja (ver I Pedro 2:4-8; conf. Efésios 2:20-22).

Contudo, não devemos deixar de ver a relação direta entre dar testemunho de Cristo e a vitória final da Igreja sobre o mundo. Uma coisa não pode ocorrer sem a outra. A união

desses dois grandes fatos dinâmicos, mediante o poder do Espírito Santo, é o gênio coroador da estratégia evangelizadora traçada por Jesus.

O PRINCÍPIO OBSERVADO

Tudo volta a concentrar-se nos discípulos de Jesus. Eles eram vanguarda de Seu movimento envolvedor. “...por intermédio da sua palavra...” Jesus esperava que outros viessem a confiar nele (ver João 17:20), os quais, por sua vez, passariam ainda mais adiante a Palavra da salvação, até o tempo em que o mundo viesse a conhecer quem é Cristo, e o que ele veio fazer (ver João 17:21, 23). A estratégia evangelística de Jesus em sua inteireza – de fato, o cumprimento mesmo de seu propósito, ao vir a este mundo para morrer na cruz e ressuscitar de entre os mortos – dependia da fidelidade de seus discípulos escolhidos a essa gigantesca tarefa. Não importava quão pequeno fosse o número do grupo inicial, contanto que se reproduzissem e ensinassem os seus discípulos a se reproduzirem em outros. Assim é que a Igreja de Cristo haveria de conquistar – mediante as vidas consagradas daqueles que conheciam ao Salvador tão bem que o seu Espírito e o seu método viesse a constrangê-los a falar a outros sobre o Senhor. Por mais simples que isso pareça ser, assim é que o evangelho conquistaria ao mundo. Jesus não tinha outro plano.

O TESTE DO MINISTÉRIO DE CRISTO

Disso consistia o teste final. Os seus discípulos levariam avante a sua obra, depois que ele se tivesse ido? Ou, o que talvez ainda acerte o alvo mais em cheio, poderiam os discípulos realizar tão bem a sua tarefa, sem a sua supervisão física, como tinham podido realizá-la com a presença de Jesus? Talvez isso pareça indagar especulativamente; mas o fato é que até aquele ponto, que já haviam atingido em sua disciplina cristã, segundo uma perspectiva puramente humana, Jesus jamais poderia ter certeza que o investimento que Ele fizera em suas vidas produziria dividendos para o reino de Deus. Se os discípulos falhassem, deixando de

transmitir o seu espírito e o seu método a outros, que fizessem a obra ter prosseguimento, então o seu ministério entre eles, durante todos aqueles anos, em breve seria reduzido a nada.

Não admira que Jesus tenha impressionado tão indelevelmente, em seus discípulos, a necessidade e a inevitabilidade do fato que sua vida reproduziria a sua própria espécie. Uma ilustração disso foi a parábola, que é uma das mais simples, e, no entanto, uma das mais profundas analogias do Senhor, Jesus explicou que o propósito, tanto da vinha (Ele mesmo) como dos ramos (os crentes Nele), é o produzir fruto. Por conseguinte, qualquer ramo que não esteja produzindo fruto, seria cortado pelo viticultor – por ser inútil. E o que é mais, os ramos que estivessem produzindo fruto, seria podado pelo viticultor a fim de produzirem fruto ainda mais abundantemente (ver João 15:2). É evidente que o poder sustentador da vida, na vinha, não haveria de ser propiciado interminavelmente ramos sem vida. Qualquer ramo que viva da vinha teria de produzir a fim de sobreviver, porque essa é a sua própria natureza. Jesus, pois, fez a aplicação aos seus discípulos. Tão certamente quando eles era participantes d sua vida, com a mesma certeza dariam a seu fruto (ver João 15:5,8), e além disso, o fruto produzido assim pelos discípulos haveria de permanecer (ver João 15:16). Um crente estéril é uma contradição. Uma árvore se faz reconhecida pelos seus frutos.

Esse princípio foi enfatizado por vezes sem conta, durante todo o decurso do ministério de Jesus. Foi encarado como a recompensa inevitável se seu próprio sacrifício em prol do mundo (ver João 12:24; conf. 17:19). Foi declarado como o labor distintivo daqueles que estivessem cumprindo a vontade do Pai celeste (ver Mateus 7:16-23; Lucas 6:43-45). Foi interpretado como o galardão que seria Dada aos discípulos de Cristo, pelo trabalho deles na plantação (ver João 4:36-38). Foi reconhecido como aquilo que seria negado aqueles que permitissem aos “...cuidados do mundo, a fascinação da riqueza, e as demais ambições...” sufocarem a Palavra de Deus que fora implantada nos seus corações (Marcos 4:18-20; Mateus 13:22; Lucas 8:14, 15). Foi observado como o fator que estava ausente nas vidas dos saduceus e fariseus, o que os tornava ao miseráveis diante dos olhos do Senhor (ver Mateus

3:7, 8; 12:33, 34; Lucas 13:6-9). De diversos modos, e entre todos os tipos de pessoas, Jesus convocava os homens para avaliarem o produto que revelava o que realmente eram. Verdadeiramente, onde a produção de fruto espiritual é vista em seu contexto na personalidade humana, primeiramente em nós mesmos, e então em outros – praticamente todo o mais que o Mestre disse e realizou aponta diretamente para esse princípio.

A GRANDE COMISSÃO

A grande comissão, da qual os discípulos foram incumbidos por Cristo, pode ser sumariada no mandamento que diz: “Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações...” (Mateus 28:19). Esse trecho bíblico significa que aos discípulos cabia ir pelo mundo, conquistando a outros, que se tornariam no que eles mesmos já eram – discípulos de Cristo. Essa missão de destaca ainda mais enfaticamente quando estudamos o original grego dessa passagem, onde se verifica que os vocabulários “ir”, “batizar” e “ensinar” são todos participios, que derivam a sua força do verbo controlar traduzido aqui por “fazer discípulos”. Isso significa que a grande comissão não consiste meramente dos discípulos ir até às extremidades da terra a pregar o evangelho (ver Marcos 16:15), nem de batizar muitos convertidos em nome de Deus triúno, nem de ensinar-lhes os preceitos de Cristo, e, sim, de mesmos, que foram tão constrangidos por essa comissão de Cristo que não somente seguiram, mas também levaram outros a seguir os caminhos do Senhor. Somente na proporção em que fossem feitos outros discípulos é que as demais atividades da grande comissão poderiam preencher o seu propósito.

ORANDO POR TRABALHADORES NA CEIFA

A ênfase da grande comissão recai sobre a liderança. Jesus já demonstrara, através do seu próprio ministério, que as massas, desiludidas de tudo, estavam maduras para a ceifa, embora não contassem com pastores que as liderassem. Como, pois, poderiam ser conquistadas para Deus? A resposta

de Jesus foi esta: “A seara na verdade é grande, mas os trabalhadores são poucos. Rogai, pois, ao Senhor da seara e mande trabalhadores para a sua seara” (Mateus 9:37, 38; conf. Lucas 10:2). Quase se pode sentir uma nota de desespero nessas palavras – um desespero que se prende a desesperadora necessidade de obreiros, por parte do mundo, que possam cuidar das almas que parecem. De que adiantaria orar pelo mundo? Que benefício procederia daí? Deus já ama ao mundo e já deu o seu próprio filho pela salvação do mundo. Não, há utilidade alguma em orar vagamente em favor do mundo. O mundo esta perdido e cegado pelo pecado. A única esperança que resta para o mundo é que se levantem homens que vão com o evangelho da salvação; e então, tendo conquistado os homens para o salvador, não os abandonem; pelo contrario, que trabalhem fielmente com eles, com paciência, com grande zelo, até que se transformem em crentes frutíferos, que condimentam o mundo ao redor deles com o amor do Redentor.

O PRINCIPIO APLICADO ÀS NOSAS VIDAS

É neste ponto, finalmente, que todos nós devemos avaliar a contribuição que está feita pela nossa vida e pelo nosso testemunho, no cumprimento do propósito daquele que é o salvador do mundo. Aqueles que nos tem seguido até os pés de Cristo estão atualmente conduzindo outros a Ele, ensinando-os a fazerem discípulos, tal como nós mesmos? Note-se que não é bastante salvar aos que parecem, embora isso seja imperativo; também não chega a edificar os novos bebes na Fe de Cristo, ainda que isso seja igualmente necessário se os primeiros frutos tiverem de permanecer; de fato, não é suficiente apenas lançá-los a campo na conquista de almas, por mais recomendável que seja esse labor. Porque o que realmente tem valor, na perpetuação final de nosso trabalho, é a fidelidade com que os convertidos sob nosso ministério estão saindo e preparando lideres dentre os seus convertidos, e não apenas mais seguidores. Nossa preocupação principal não é se conquistaremos ou não a nossa geração para Cristo. Mas deve ser aquilo que estamos fazendo, em nossa atual geração, para atingir a próxima. Nosso trabalho jamais terminará enquanto

não estivermos certos de sua continuação, nas vidas daqueles que foram redimidos pelo evangelho.

O teste de qualquer trabalho de evangelização, por isso mesmo, não é aquilo que se pode enxergar no momento, e nem o que se pode ler nos relatórios numéricos, e, sim, na eficácia com que a obra tem prosseguimento na próxima geração. Semelhantemente, os critérios sobre os quais uma igreja local deve medir o seu sucesso não são os muitos novos nomes adicionados ao seu rol de membros, e nem o aumento de seu orçamento anual; pelo contrario, são quantos crentes estão ativamente conquistando almas e treinando-as para conquistarem as multidões. A extensão final de nosso testemunho é o que importa, e por essa razão, os valores só podem ser medidos à luz da eternidade.

Não é chegado o tempo de todos examinarmos novamente nossas próprias vidas e nossos ministérios, partindo dessa perspectiva? Segundo declarou Dawson Trotman: “Onde estão os nossos homens?” o que estão fazendo em favor de Deus nossas vidas e nossos ministérios? Consideremos o que significaria, para o futuro da Igreja, se tivéssemos agora apenas um verdadeiro discípulo para mostrar como prova dos nossos labores. Isso não duplicaria de imediato a nossa influencia? E suponhamos que preparássemos outro obreiro como nós mesmos, e que nosso primeiro convertido conseguisse outro tanto com um terceiro. Isso não multiplicaria as nossas vidas quatro vezes mais? Pelo menos teoricamente falando, nessa ordem de multiplicação, bastaria o ministério de um crente para que, com o tempo, fossem atingidas multidões com o evangelho. Isto é, contando que aqueles convertidos estivessem realmente seguindo nas pisadas do Mestre.

COMPROVADO PELA IGREJA

Podemos ser gratos por isso ter ocorrido no caso dos primeiros discípulos da era cristã. Eles entregaram o evangelho às multidões; mas durante todo o tempo se atarefavam na edificação da comunhão daqueles que criam. Conforme o Senhor ia adicionando diariamente, à Igreja, os

que se iam salvando, os apóstolos, seguindo o exemplo do Mestre, desenvolviam homens que reproduzissem o seu ministério ate os confins da terra. O livro de Atos dos Apóstolos, na realidade, é tão-somente um desdobramento gradual, na vida da Igreja em crescimento, dos princípios de evangelismo que já foram esboçados aqui, na vida de Cristo.

Basta-nos afirmar que a Igreja primitiva comprovou que o plano traçado pelo Mestre para a conquista do mundo, realmente funciona. Tão grande foi o impacto operado pelo testemunho dos discípulos que, antes da passagem daquele primeiro século, a sociedade pagã da época fora sacudida ate os seus alicerces, ao mesmo tempo que igrejas cristãs em franco desenvolvimento eram estabelecidas na maioria dos centros populacionais. Se esse impulso porventura tivesse continuado na área do alcance evangelístico da Igreja, que caracterizou os seus primeiros anos de existência, dentro de alguns poucos séculos as multidões do mundo inteiro teriam conhecido o toque da mão do Mestre.

OS ATALHOS TEM FALHADO

Os tempos mudaram, entretanto, e gradualmente os modos simples do evangelismo ensinado por Jesus foram forçados a assumir um novo molde. Naturalmente que as modificações dos princípios serão sempre necessárias a luz das circunstancias em alteração; mas, sem sabermos exatamente como, os próprios princípios bíblicos ficaram confusos, no meio do desejo de dar ao evangelho um novo aspecto. Os princípios difíceis do desenvolvimento de líderes e da reprodução de discípulos parecem ter sido submergidos pela estratégia do recrutamento em massa. O objetivo míope do reconhecimento popular tomou precedência geral sobre o alvo de conquistar o mundo mediante a conversão dos indivíduos, e assim, os métodos de evangelismo que passaram a ser empregados coletiva e individualmente pela Igreja, tem refletido essa mesma perspectiva curta, que só olha o momento presente. Ocasionalmente, como nos momentos de grande reavivamento espiritual, os princípios do método de Jesus tem voltado ao primeiro plano. Mas, na opinião deste observador da historia eclesiástica esses períodos tem sido de

pequena duração, e nunca conseguiram capturar a imaginação da vasta maioria dos clérigos. O plano de Jesus nunca deixou de estar em vigor; tão-somente tem sido ignorado. Tem sido reputado como algo a ser lembrado, pertencente a um passado venerado, mas não como algo a se levado a sério, como regra de conduta para o presente.

A QUESTÃO HOJE EM DIA

Esse é o nosso problema de metodologia nos dias que correm. Cerimônia, programas, organizações, comissões e cruzadas, bem intencionados, criados pelo engenho humano, estão valentemente procurando realizar a tarefa que só pode ser feita por homens dirigidos pelo poder do Espírito Santo. Não dizemos isso a fim de depreciar aqueles nobres esforços, porquanto sem eles a Igreja nem ao menos funcionaria como vem funcionando. Não obstante, a menos que a missão pessoal do Mestre seja vitalmente incorporada na norma e na tessitura de todos esses planos, a Igreja não poderá funcionar como deve.

Quando aprenderemos que o evangelismo não é feito por meio de coisas, mas antes, por meio de pessoas? Trata-se de uma expressão do amor de Deus, e Deus é uma pessoa. Posto que a natureza de Deus é pessoal, só pode ser expressa através de alguma personalidade – tendo sido inicialmente revelada plenamente em Cristo, e agora sendo expressa através do seu Santo Espírito, nas vidas daqueles que se tem submetido voluntariamente a Ele. As comissões podem ajudar a organizar e a dirigir os esforços evangelísticos, e com essa finalidade certamente elas se fazem necessárias; mas o próprio trabalho só pode ser feito por homens que ganham outros homens para Cristo.

É justamente por essa razão que somos obrigados a dizer juntamente com E. M. Bounds, que ‘homens são o método de Deus’. Enquanto não dispormos de homens imbuídos com o seu Espírito e dedicados ao seu plano, nenhum de nossos métodos funcionará.

Esse é o novo evangelho de que precisamos. Não há necessidade de melhores métodos, e, sim, de melhores homens

– homens que conheçam o seu Redentor mais profundamente do que meramente por ouvir dizer – homens que tenham sua visão e sintam a sua paixão pelas almas perdidas – homens que estejam dispostos a nada ser, a fim de que Ele seja tudo – homens que queiram tão-somente que Cristo produza a boa vontade. Essa, finalmente, é a maneira que o mundo, e é nessa área que deve ser cumprida por nós a sua estratégia. E então as portas do inferno nunca poderão prevalecer contra a Igreja, na evangelização do mundo.

CONCLUSÃO

O MESTRE E O PLANO TRAÇADO POR VOCÊ

A VIDA TEM UM PLANO

Qual é o plano da sua vida, prezado leitor? Todo mundo tem de viver de conformidade com algum plano. O plano é o princípio organizador em torno do qual o alvo da vida é realizado. Talvez não tenhamos consciência do plano de nossas vidas em cada ato, e quiçá nem tenhamos conhecimento desse plano; não obstante, todas as nossas ações invariavelmente desdobram alguma espécie de padrão, que está no centro de tudo quanto fazemos.

Quando realmente nos pomos a pesquisar sobre essa questão, e procuramos divisar o nosso próprio objetivo, e como nos lançamos em sua realização, o que descobrimos nem sempre nos parece muito satisfatório. Todavia, uma avaliação honesta deve levar-nos, a todos nós, a ficarmos mais preocupados com o nosso chamamento, pelo menos no caso do indivíduo que confia no fato que o caminho traçado por Jesus é regra mediante a qual toda ação deve se testada.

É perfeitamente possível que certos planos, de nossa própria lavra, cuidadosamente pensados, tenham de ser modificados ou talvez até mesmo completamente abandonados. Outro tanto se dá com respeito aos planos traçados pelas congregações evangélicas, ante o ministério traçado pelo Mestre. Com toda a probabilidade, todo o nosso conceito de sucesso terá de ser reavaliado. Não obstante, se is princípios aqui esboçados tem qualquer valor, devem ser compreendidos como linhas diretrizes para toda e qualquer ação. É somente na medida em que esses princípios forem aplicados as atividades diárias, nos dia que passam, que terão qualquer significação autentica para as nossas vidas. Devemos considerá-los como meios legítimos para alcançarmos os

nossos objetivos, determinados por Cristo, para que sejam relevantes.

OS MÉTODOS PODEM VARIAR

Cada um de nós, portanto, deve procurar alguma maneira de incorporar a sabedoria da estratégia de Jesus em nosso próprio método preferido de evangelização. Nem todos dentre nós serão impelidos a adotar o mesmo ritual ao a mesma organização em se modo de proceder, e nem mesmo haveremos de querer que todos se adaptem a um único molde. A variedade está entretecida na própria estrutura do universo, e qualquer método que Deus tenha resolvido usar é um bom método, embora isso não exclua a possibilidade de melhoramento em nossa maneira de fazer as coisas. O mestre outorgou-nos um esboço para seguir; porem, Ele espera que ponhamos os pormenores em pratica de acordo com as circunstâncias e tradições locais. Isso requer todos os recursos que estejam ao nosso dispor. Abordagens novas e ousadas necessitam ser primeiramente experimentadas, à medida que as situações se forem modificando, pois nem todos os experimentos dão certo. O crente que não esteja preparado para falhar, na determinação de descobrir alguma maneira de realizar a tarefa, jamais começará a agir; e nem a pessoa que tema tentar por muitas e muitas vezes, conseguirá ir muito longe.

A PRIORIDADE DOS HOMENS

Porém, sem importar a forma particular assumida pela nossa metodologia, a vida e o exemplo de Jesus ensinam-nos que descobrir e treinar homens, para conquistarem outros homens para o Salvador, deve ter toda a prioridade. As multidões nunca poderão conhecer o evangelho a menos que contem com um testemunho vivo. Dar-lhes meramente uma explicação não chega. As massas do mundo, estonteadas como estão, precisam de uma demonstração daquilo em que devem acreditar – precisam contar com um homem que se erga no meio delas e diga: “Segui-me; eu sei o caminho!” É nesse ponto, por conseguinte, que todos os nossos planos devem se

focalizados. Não importa quão espiritual possa ser a nossa ênfase, em outros aspectos – a relevância permanente de tudo quanto fizermos dependerá de quão bem essa missão estiver sendo cumprida.

Não obstante, precisamos entender que o tipo de material humano de que Cristo não surge por acidente. Requer planejamento deliberado e esforços concentrados. Se tivermos de treinar homens, precisamos de trabalhar em favor deles. Precisamos sair à procura deles. Precisamos conquistá-los. E, acima de tudo, precisamos orar por eles. Alguns desses homens já se acham em posições de autoridade, no seio da Igreja. Outros ainda se encontram entre aqueles que esperam receber um convite para se entregarem nas mãos de Cristo. Porém, sem importar onde estejam, precisam ser atingidos e treinados para se tornarem discípulos eficazes de nosso Senhor.

COMEÇANDO COM POUCOS

Não devemos desejar começar com grande número, e nem devemos esperar tal coisa. O trabalho mais excelente de treinamento sempre será feito com alguns apenas. É muito melhor dedicar um ano, mais ou menos, a um homem ou dois, que aprendam o que significa conquistar pecadores para Cristo, do que passar uma vida inteira com uma congregação, conseguindo apenas fazer arrastar-se o programa. Também não tem importância quão diminuto ou sem auspícios possa parecer o começo; o que vale é que aqueles a quem damos prioridade, nessa instrução, aprendam a transmiti-la a outros.

PERMANECENDO JUNTOS

A única maneira realista de conseguir isso é se mestre e aprendiz estiverem juntos. Se os nosso seguidores tiverem de ver, através de nós, em que eles serão transformados, precisamos estar por perto deles. Isso é a própria essência desse plano – permitir que nossos seguidores vejam em nós as ações, a fim de poderem sentir nossa visão e de poderem reconhecer de que forma ela se relaciona às nossas

experiências diárias. Dessa maneira, o evangelismo se tornará para eles uma atividade eminentemente prática, que tem ramificações em todos os aspectos da existência. E assim o evangelismo será visto como um modo de vida, e não como um dogma teológico. E, além disso, se nossos seguidores estiverem em nossa companhia, ficarão inevitavelmente envolvidos no trabalho de evangelismo.

DANDO-LHES TEMPO

Um plano dessa ordem, naturalmente, exige tempo. Tudo quanto é digno, requer tempo. Contudo, com um pouco de planejamento prévio podemos traçar muitas coisas para serem feitas ao mesmo tempo, as quais teriam de ser obrigatoriamente realizadas, como, por exemplo, visitas, frequência a preleções, recreação, e até mesmo devoções das quais todos participem. Portanto, o tempo que tivermos de passar junto com eles, não precisa ser intenso e cansativo. Por semelhante modo, se formos alertas, nossos discípulos poderiam estar junto conosco a maior parte do tempo em que estivermos servindo a outros, ou mesmo ajudando a outros, em nossos esforços mais latos.

REUNIÕES DO GRUPO

A fim de emprestarmos certa dose de estabilidade a esse sistema, entretanto, pode tornar-se necessário arranjar períodos especiais quando o grupo, ou parte do mesmo, se reúna conosco. Durante as reuniões informais do grupo, podemos estudar as Escrituras, orar e compartilhar, de forma geral, uns com os outros, os nossos anelos e dificuldades mais profundos. Não é necessário que saiamos a propalar o que está sendo feito, e nem mesmo, a princípio, dizer ao grupo qual é o nosso plano final. Basta que permitamos que as reuniões cresçam naturalmente, em face da necessidade comum de companheirismo. Por sua vez, o grupo poderá traçar a sua própria disciplina particular, dentro do arcabouço geral da Igreja.

Essa idéia de grupo está sendo novamente descoberta em muitos lugares, hoje em dia, entre os evangélicos. Assim sendo, provavelmente trata-se de um dos mais promissores sinais de despertar que já surgem em nosso horizonte. Em todas as camadas da sociedade, e de dentro de todas as denominações evangélicas, pequenos organismos espirituais estão surgindo, alguns deles lutando por encontrar a direção certa, enquanto outros se desviam pela tangente. Porém, considerando-se a totalidade do movimento, isso expressa um profundo desejo, oculto nos corações dos homens, pelas realidades da experiência cristã.

Essa idéia de grupo está sendo novamente descoberta em muitos lugares, hoje em dia, entre os evangélicos. Assim sendo, provavelmente trata-se de um dos mais promissores sinais de despertar que já surgem em nosso horizonte. Em todas as camadas da sociedade, e dentro de todas as denominações evangélicas, pequenos organismos espirituais estão surgindo, alguns deles lutando por encontrar a direção certa, enquanto outros se desviam pela tangente. Porém, considerando-se a totalidade do movimento, isso expressa um profundo desejo, oculto nos corações dos homens, pelas realidades da experiência cristã.

Posto que esses grupos não estão amarrados pelas tradições e nem pelas regras fixas impostas externamente, naturalmente há uma larga diferença na ênfase e na forma tomada por essas pequenas células; mas é comum, na maioria delas, o princípio da comunhão fechada e disciplinada, dentro de cada grupo. É justamente esse princípio, posto bem no centro de tudo, que faz o método ser tão favorável ao crescimento, e é justamente por essa razão que todos nós faríamos bem em nos utilizarmos dele, em nosso ministério entre os homens.

Nessa conexão, não deixa de ter profunda significação o fato que os principais evangelistas do mundo atual, como Billy Graham, reconhecem o tremendo potencial desse plano, quando apropriadamente empregado pelas igrejas evangélicas. Em resposta à indagação: “Se o senhor fosse pastor de uma igreja numerosa, em uma cidade importante, qual seria o seu plano de ação?” o sr. Graham retrucou: “Penso que uma das primeiras coisas que eu faria seria cercar-me de um pequeno

grupo de oito ou dez homens, que se reunisse algumas horas por semana, para pagarmos o preço!! Isso lhe custaria alguma coisa, em termos de tempo e esforços. Eu dividiria com eles de tudo quanto tenho, por um período de alguns anos. Então eu teria, realmente oito, dez, doze ou mesmo mais leigos, os quais, por sua vez, se encarregariam de outros tantos, a fim de ensiná-los. Conheço uma ou duas igrejas evangélicas que estão fazendo exatamente isso, e esse método as esta revolucionando. Penso que foi Cristo que estabeleceu esse padrão. Ele passou maior parte do seu tempo em companhia de doze homens. Não gastou seu tempo com grandes multidões. De fato, de cada vez em que Ele contou com grandes multidões, parece que os resultados não foram muito promissores. Os maiores resultados, na minha opinião, surgiram quando Ele esteve entrevistadas pessoais ou passou o seu tempo com os doze”. Nessa declaração, o sr. Billy Graham está meramente refletindo a sabedoria do método proposto por Jesus.

ESPERANDO ALGO DELES

Não é bastante, contudo, envolvermos pessoas em algum tipo de associação em grupo, da qual a Igreja é tão-somente uma expressão mais ampla. A essas pessoas teremos de prover oportunidade para expressarem aquilo que tem aprendido. A menos que lhes seja dada oportunidade para se expandirem, o grupo poderá estagnar-se no autocontentamento, e finalmente se fossilizará, transformando-se em, nada mais nada menos, do que sociedade de admiração mútua. Por isso é que é mister conservarmos sempre claros os nossos propósitos. Os períodos em que nos afastarmos então, do mundo, não serão um alívio do conflito, e, sim, uma manobra estratégica, que nos facilitara adquirirmos ainda mais energias para o próximo assalto.

Nossa tarefa, pois, consiste em cuidar para que aqueles que estão conosco tenham algo para fazer e que requeira o melhor que existe neles. Todos podem fazer alguma coisa. As primeiras incumbências devem ser tarefas normais rotineiras, tais como por cartas no correio, estabelecer um sistema de alto-falantes para alguma reunião em praça pública, ou, então, meramente permitir que nos recebam em seus lares.

Gradualmente, entretanto, essas responsabilidades poderão ir aumentando, conforme se forem tornando capazes de fazer mais coisas. Aqueles que tiverem inclinação e capacidade para ensinar, podem ser utilizados na Escola Dominical. E assim, antes de passar-se muito tempo poderemos atribuir-lhes, convenientemente, certos trabalhos pastorais condizentes com suas habilidade. A maioria dos crentes é capaz de visitar um enfermo ou visitar um hospital. Alguns deles poderiam ser encorajados a incumbir-se de pontos de pregação, ou de assumir púlpitos próximos. E, naturalmente, todos os crentes precisam receber algum trabalho específico na tarefa do evangelismo pessoal.

É provável que nenhuma contribuição mais essencial possa ser feita pelos leigos, ao ministério das igrejas locais, do que na área de acompanhar os novos convertidos. Nessa atividade eles podem preencher um papel indispensável do ministério, entretanto em contacto com aqueles que ainda são bebês em Cristo, conduzindo-os pelas mesmas disciplinas e pelos mesmos caminhos nos quais tem sido ensinados. Aqueles a quem treinamos para essa incumbência tornam-se, desse modo, as chaves da preservação de todos os esforços evangelísticos da igreja local, não somente mantendo o avanço para adiante, mas também assegurando o alcance continuado.

FAZENDO-OS AVANÇAR SEMPRE

Tudo isso requer intensa supervisão, tanto no desenvolvimento pessoal desses homens, como no trabalho que fizerem junto a outros. Temos de estabelecer a pratica de nos reunirmos com eles e de ouvir da boca deles como estão correndo as coisas. Isso significará que precisaremos procurá-los onde eles se encontram, ou então dar-lhes conselhos quando estiverem conosco, em quaisquer outras atividades. As perguntas que forem surgindo, na medida de suas experiências, deverão ser respondidas enquanto as circunstancias que ocasionaram o problema ainda estão bem frescas em sua memória. As atitudes carnis e as reações indevidas precisam ser detestadas desde o começo, sendo abordadas de maneira decisiva; e outro tanto no que concerne aos hábitos pessoais prejudiciais, aos preconceitos sem

fundamento, e a qualquer outra coisa que sirva para obstruir o seu sacerdócio, diante de Deus e dos homens.

O essencial é ajudá-los a se desenvolverem na graça e no conhecimento. Certamente é demonstração de sabedoria, devido à debilidade da memória humana, estabelecer para nós mesmos um programa de coisas que devem ser cobertas, no decurso do treinamento de nossos seguidores; e então manter um registro, em algum lugar, sobre o progresso deles, a fim de que nenhum aspecto seja negligenciado. Isso se faz particularmente necessário quando estivermos trabalhando com vários indivíduos ao mesmo tempo, em que cada homem está em diferente nível da experiência cristã. Também precisaremos exercer paciência, porquanto o desenvolvimento de nossos seguidores mui provavelmente será lento e atrapalhado por muitos recuos. Todavia, enquanto estiverem procurando conhecer honestamente a verdade, e estiverem dispostos a segui-la, de alguma maneira haverão de desenvolver-se até à maturidade em Cristo.

AJUDANDO-OS A LEVAR OS SEUS FARDOS

O que talvez seja o aspecto mais difícil de todo esse processo de treinamento, é que precisamos antecipar os problemas que nossos seguidores terão de enfrentar, preparando-os para o embate. Isso é algo terrivelmente difícil de fazer, e pode transformar-se num pesadelo exasperador. Isso significa que dificilmente podemos esquecer-nos deles. Até mesmo quando estivermos em nossas meditações particulares e em nossos estudos bíblicos, os nossos discípulos devem continuar figurando em nossos sonhos e em nossas orações. Contudo, o pai que ama a seus filhos, pensaria em agir de outro modo qualquer? Teremos de aceitar o peso da imaturidade deles, até que possam suportar essa carga pessoalmente. É apenas um convite ao desastre assumirmos a atitude de que, pelo menos nos estágios iniciais de ser desenvolvimento, podem manusear sozinhos os seus próprios problemas. Precisamos ser sensatos. Na qualidade de seus guardiões e conselheiros, somos responsáveis por ministrar, aos nossos filhos espirituais, a instrução de como se deve viver para o Mestre.

DEIXANDO-OS LEVAR AVANTE A OBRA

Todas as coisas devem contribuir para conduzir, esses homens seletos, até o dia em que poderão assumir, por si mesmos, um ministério todo seu, em suas próprias esferas de influencia. À medida em que se for aproximando esse tempo, cada qual deverá estar bem adiantado em seu próprio programa de treinamento, com as almas que tiver ganho para Cristo através de seu testemunho, ou que lhe tenham sido atribuídos para acompanharem. E dessa maneira, sem que nossos seguidores o percebam, a nossa estratégia terá sido infundida na pratica deles. No entanto, para não deixar as coisas na obscuridade, antes de retirarmos deles a nossa supervisão, devemos explicar-lhes, explicitamente, qual que tenham claramente nas idéias esse plano, a fim de que possam aquilatar as suas próprias vidas de acordo com o mesmo, e também para que possam transmiti-lo àqueles a quem buscam ajudar.

EXPERIÊNCIA ESPIRITUAL ACIMA DE TUDO

Naturalmente que o aspecto mais crucial é a própria experiência espiritual dos nossos seguidores. Antes de serem desobrigados do nosso controle, precisam estar perfeitamente estabilizados na fê que vence o mundo. O diabo, ajudado por todos os demônios do inferno, procurará derrotá-los com todas as astucias disponíveis a ele. O mundo ao qual se dirigem, jaz encantado sob o fascínio de Satanás. Será uma encarnizada todos os dias, durante todo o caminho. Cada centímetro de progresso terá de ser ganho pela conquista, porquanto o inimigo jamais de declarará vencido. Nada menos do que o enchimento do Espírito de Cristo será suficiente para enfrentar esse desafio. A menos que vivam na comunhão de Cristo, e avancem na pureza e no poder de Deus, poderão ser facilmente avassalados pelas forças lançadas contra eles, e, dessa maneira, todo o nosso trabalho entre eles ficará anulado.

Tudo quanto tivermos feito, por conseguinte, dependerá exclusivamente da fidelidade desses homens. Não importa

quantos indivíduos alistemos na causa do evangelho, e, sim, quantos são realmente conquistados para Cristo. É justamente por esse motivo que, por todo o tempo, a nossa ênfase deve recair sobre a qualidade d vida vivida por nossos seguidores. Se obtivermos a categoria certa de líderes, o resto dos crentes seguir-nos-á; mas, em cãõ contrário, os demais crentes não terão modelo digno a seguir.

O PREÇO DA VITÓRIA É ALTÍSSIMO

Para dizermos a verdade, esse altíssimo padrão de expectativa é caro. Provavelmente, muitos daqueles que nos pareciam promissores a principio, pensarão que a tarefa é por demais ingente, e acabarão desviando-se pelo caminho. E é bem possível que isso não demore muito. O serviço cristão é extremamente exigente; e se os homens tiverem de ter alguma utilidade nas mãos de Deus, precisarão aprender a buscarem primeiramente o reino de Deus. Sim, haverá desapontamentos. Mas, no tocantes àqueles outros que conseguirem ser vencedores, e que sairão e projetarão as nossas vidas nos campos da ceifa, que não poderíamos alcançar sozinhos, haverá jubilo crescente, à proporção em que se forem passando os anos.

Não estamos vivendo primariamente com vistas ao presente. Nossa satisfação consiste de saber que nas gerações vindouras o nosso testemunho em favor de Cristo continuará produzindo fruto através daqueles que tivermos conduzindo aos pés do Senhor, em círculos concêntricos cada vês mais expandidos, reproduzindo-se até às extremidades da terra e até o fim dos tempos.

SERÁ ESSA A SUA VISÃO?

O mundo está procurando, em autentico desespero, alguém a quem possa seguir. Que seguirão a alguém é indiscutível; porém, esse líder será alguém que conhece o caminho traçado por Jesus Cristo, ou será alguém semelhantes aos seus liderados, e que só poderá conduzi-los a trevas ainda mais densas?

Essa é a questão decisiva em nosso plano de vida. A relevância de tudo aquilo que fazemos aguarda o seu veredito; e, por sua vez, o destino das multidões depende do lado para onde pender a balança.

SOBRE O AUTOR

Robert E. Coleman é professor emérito de Evangelismo na Trinity Evangelical Divinity School, em Deerfield, e diretor do Instituto de Evangelismo Billy Graham, em Wheaton.

Foi professor de Evangelismo no Seminário Teológico Asbury durante 27 anos. É formado pela Universidade do Sudoeste do Texas, pelo Seminário Teológico de Princeton e pela Universidade Estadual de Iowa, onde recebeu o grau de doutor em Filosofia.

Evangelista experiente, continua a fazer conferências. Seus livros devocionais e de estudo bíblico foram traduzidos para cerca de trinta idiomas. Plano mestre de evangelismo, o título mais conhecido de sua bibliografia, vendeu mais de cinco milhões de cópias e chegou à 68.^a edição em língua inglesa.

Coleman vive com a esposa, Marietta, em Deerfield, Illinois. O casal tem três filhos e sete netos.